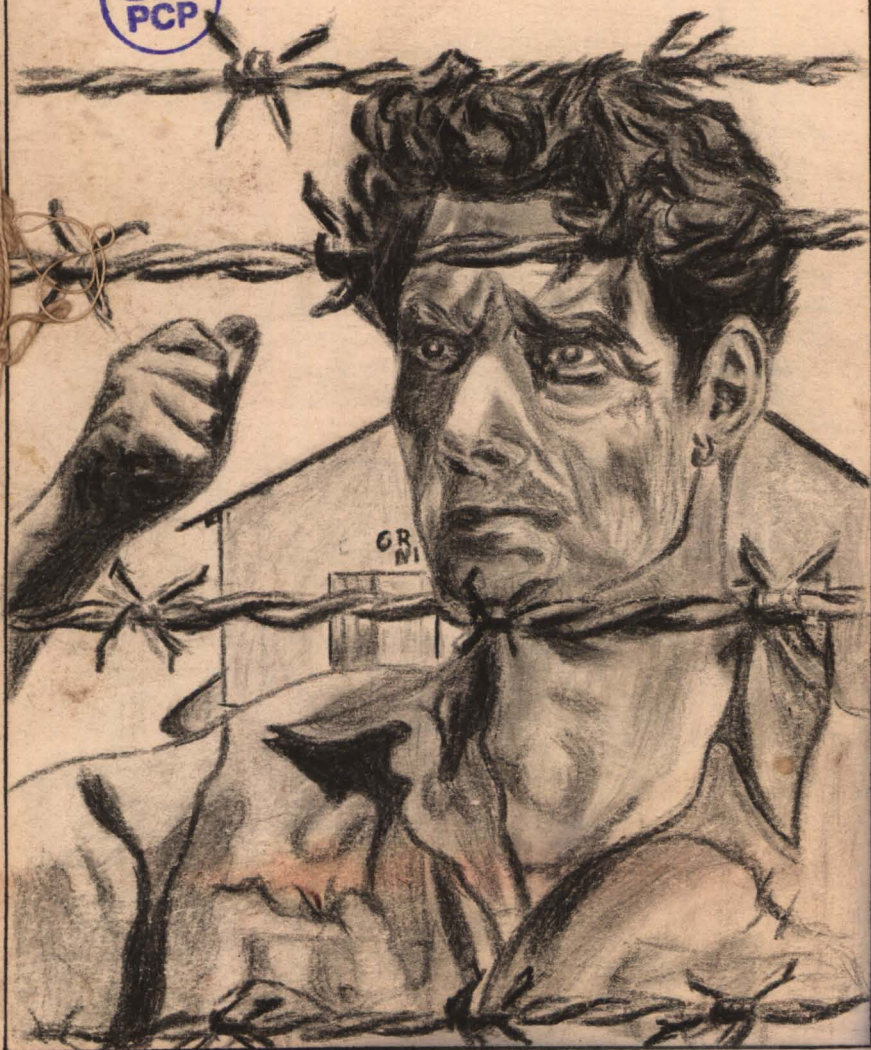


Reduto Técnico

GES
PCP



Setembro - 1945

Sumário

- *Unidade.*
- *Profilaxia sindical na base múltipla.*
- *Trabalho simples e complexo.*
- *Cêmas da nossa vida.*
- *Palavras úteis.*
- *Victória dos trabalhistas.*
- *Notas e comentários do mês.*
- *Das forças armadas.*
- *Mais uma...*



Nº 22

Unidade!



E fora de dúvida que a maior das preocupações do militante operário é, no momento presente, o problema de unidade do movimento revolucionário. Pelo menos, é essa a conclusão a que chegamos, porque raro é o dia em que não ouçamos um ou outro esportado dissertar acerca dele. Entre nós, no nosso pequeno grupo, ele tem sido também, por várias vezes, o "leit-motiv" das nossas conversas.

Forçoso é, porém, confessar que isto não é suficiente. Não basta falar em unidade; não basta apregoar a necessidade de união dos trabalhadores de todas as tendências. É necessário estudar o processo como realizar essa união, como iniciar os nossos primeiros passos para esse objectivo, dado que ele não é tão fácil de resolver, como a primeira vista parece. A prova é que, após tantas e porfiadas tentativas, estamos quasi como antes. A sua solução não depende de única e exclusivamente de desejos, por mais sinceros que eles sejam.

De facto, apesar do que se tem gasto em palavras e esforços, apesar das muitas maneiras pelas quais se têm procurado uma solução, certo é que, no momento crucialmente que atravessamos, a unidade está longe de ser um facto; mais ainda, as maneiras como se têm pretendido realizá-la não correspondem à consecução desse "desejado". Podemos afirmar que, depois de tanto se falar nela, depois de decorrido tanto tempo e em que tantas panaceias têm sido propostas, ela continua e continuará a ser uma esperança enquanto se não fizer uma revisão a métodos e técnicas que, por antiquados, mais afastam o objectivo de a alcançar.

Uma das primeiras razões de terem falhado até hoje todas as tentativas da formação da unidade tem sido o espirito de desconfiança mútua que se estabeleceu de há muito tempo entre os trabalhadores de várias tendências. É não se diga que não há motivos para tal em qualquer dos lados; porém, no interesse de momento discutir ou enumerar os motivos dessa desconfiança, que desde 1922 - 24 - data da cisão no seio da C.G.T. - se separaram as duas principais correntes do movimento operário português - comunista e anarco-sindicalista. Seria muito difícil descobrir hoje quem primeiro deu motivo a que nos dividíssemos, e, se pretende bemos inquirir a respeito da passada, cairíamos numa discussão que além de pouco fructuosa nos dividiria. Dêse passado, basta valerem-se os factos que se deram e se fundamentam, principalmente, no facto de se ter alterado o sentido da luta da organização operária. Passou-se, por assim dizer, da luta pela melhoria de vida da classe operária para a luta, pelo proleto-

GES
PCP

as uma corrente ideológica sobre a outra, caindo-se no exclusivismo puro e simples de uma ideologia em relação à outra.

A acção de cada uma delas foi canalizada mais no sentido de garantir-se posições, aqui ou ali, nos vários organismos sindicais, que, principalmente, obtém com a sua política a satisfação das necessidades da classe operária. A luta pelas direcções sindicais, em muitos casos, foi a característica principal que, durante muitos anos, revestiu a actividade de uma grande parte dos militantes de ambas as tendências e a maneira como foi conduzida tomou em alguns casos a forma de autênticos "golpes de estado" ou de "brucques" que, uma vez descobertos, mais arrebaldavam as relações entre os militantes. Em vários casos, esta luta atingiu tais proporções que tornaram impossível não sómente a colaboração dos elementos das duas ideologias mas até a sua coexistência dentro do mesmo organismo, abundo-se a criação e empraquecendo-se, automaticamente, a capacidade de luta desses agrupamentos profissionais. Naturalmente, houve casos em que nenhuma destes factos se registaram, mas eles foram, de facto, excepções; nalguns deles era-se com felido, devido mais a um equilíbrio de forças que a uma ideia preconcebida de unidade.

Estão bem viva na nossa memória os diálogos estabelecidos entre os dois principais órgãos das duas correntes, por falturas de 1930-31. No momento preciso, em que a ditadura se preparava para dar o salto final — começava a viragem da propaganda anti-parlamentarista para a propaganda anti-comunista, que não poupava nem um sector ideológico de esquerda — a "Vanguarda Operária" e o "Proletário" degladiavam-se de uma maneira que nada ilustra a vida de qualquer daquêles dois jornais.

A experiência do "18 de Janeiro", no aspecto de tentativa de unidade, foi também duras hora e não erramos ao afirmar que devido ao exagero, e até a acusações infundadas, mais se alargou o barranco entre as duas correntes.

Desde então, pouco mais se tem conseguido do que uma convivência, mais ou menos completa, dentro das prisões, mas mesmo essa convivência tem sido influenciada pela desconfiança, exceptuando os casos de mal-entendidos ou as interrupções devidas aos fortes solaranços políticos a que a P.C.P. do Arraçal tem sido levada pelos seus dirigentes.

Ainda não há muito tempo J. S. formulava, como uma das primárias e essenciais condições para a constituição de uma C.G.F., a criação de um ambiente de confiança mútua, de um habitat próprio à colaboração sincera e devotada de todos os militantes operários. Ora este ambiente só pode ser criado pelos esforços unidos de todos os, numa palavra, só a unidade pode fornecer esse ambiente em que a colaboração de todos se torne possível.

Como realizá-la?

Depois caminhas, até hoje, se tem ensaiado trabalhar: unidade de pela base e unidade pela topo. Unidade pela base significa o contacto directo dos militantes de uma tendência frente aos tra-

balhadores da outra, sem quaisquer acõrdos das direcções desses dois movimentos. Esta tática, empregada com sucesso em vários países pela U.S.R., nos meados da terceira década deste século, pressupõe uma situação em que existe uma organização capaz de arrastar os trabalhadores orientados por outras ideologias, e condições revolucionárias que os tornem aptos a assimilarem as palavras de ordem indicadas. Essa condição não é a nossa, em que nenhuma dessas condições existem há muito.

Passemos à segunda alternativa, a unidade pelo topo, que pressupõe um acõrdio entre as direcções de movimentos que actuem orgânica e politicamente. Esta condição, por muito que nos dêa, não existe, por isso consideramos impraticável esta alternativa, dado que nem nós, comunistas, nem os anarcos-sindicalistas estamos em condições de a pôr seriamente em prática.

A C. G. T. ^{redigida} virtualmente extinta em 1934 com a fascização dos sindicatos, havia ~~perdido~~ ^{perdido} há muito, a sua actividade, antes desta data. As lutas intestinas dentro do movimento operário em geral, e no seio dos sindicatos onde coexistiam comunistas com sindicalistas, a cisão em inúmeros sindicatos, a falta mútua de confiança dos dirigentes da C. G. T. e dos sindicatos que, embora divergentes da F. I. T., continuavam agregados a ela, tudo isso, mais do que bastante para enfraquecer a mais forte das organizações, cavou de sua completa ruína e, digamos mesmo, desmoralizou imenso muitos sectores profissionais que conservavam ainda condições para apoiar qualquer séria tentativa de unidade tendente a salvar do naufrágio da fascização a confiança da massa operária nos seus dirigentes. Desde então, e com o desenvolvimento dos sindicatos nacionais, apesar dos fugazes momentos de actividade ilegal - que mais tem demonstrado o valor e dedicação de um punhado de camaradas fiéis a uma ideia de que a corificação de organismos de valor real na luta - a C. G. T. mais não tem conseguido que manter debilmente a chama de uma tradição que foi gloriosa, de um passado que a maioria do proletariado de hoje não viveu.

Em relação ao movimento sindical de tendência comunista a situação não é mais brilhante. A acção dos seus sindicatos cisionistas da C. G. T. nunca foi sistematizada e coordenada e ficou sempre com a daqueles que, embora da mesma tendência, se conservaram dentro da antiga central operária. A maior tentativa foi feita nesse sentido e replicada de um modo pouco feliz, a C. T. S., não passou de um fôlego, produto de uma febre sindical de um momento militante, cujos sucessos as mais das vezes lhe perturbaram a visão real das suas obras. Nascida de um impulso reivindicativo, a fraca maleabilidade da maior parte dos dirigentes que compunham a C. T. S. não permitiu que se transformasse numa central operária, uma vez que a existência de sindicatos ideologicamente divergentes da C. G. T. exigia em tão este passo.

Nominalmente, a C. T. S. pretendia substituir uma central operária, divergente da C. G. T., mas na realidade, ela estava destinada a ser...



que quem do cumprimento das tarefas que, mesmo nas condições de ilegalidade, uma central operária poderia cumprir. E não aproveitando e ficando os últimos momentos de relativa legalidade de sindical, a C.S.S. dificilmente poderia, após 1934, desobrigar-se do mínimo de tarefas que, até então, melhor ou pior, havia realizado.

Mais tarde veio o golpe misericordioso, com a aplicação mecânica das resoluções do VII congresso que, longe de beneficiar a nossa influência em particular e o movimento sindical, legal e ilegal, em geral, fez perder-se na voragem de um sectarismo partidário uma quantidade relativamente importante de trabalhadores dedicados que, pouco a pouco, educada pelos sindicatos ilegais, poderia prestar inúmeros serviços nos sindicatos nacionais.

Esta forma, sem haver praticamente organização sindical de qualquer destas tendências, será difícil falar-se em unidade pelo topo.

No entanto, perguntar-se-á: Não será possível o Partido Comunista ou a Região Portuguesa da I.A.I. lançar-se com eficiência ao trabalho de unidade da classe operária?

Não responderemos prontamente: Não, não é possível contar com um resultado sério de cada uma das organizações. Unidas, ainda poderíamos acreditar, se a uma missão sincera e leal se não opusesse o espírito de desconfiança que reina entre ambas.

Isto não significa "ser-se profeta em casa de defunto". Ainda antes de conhecermos o que havia de verdade nas afirmações dos camaradas da O.C.F. acerca dos seus "sucessos de unidade" no continente, já havíamos afirmado que ela não passava, infelizmente, de mais uma Babel. Na verdade, um dos grupos que pretende ser o P.C.P. tem proclamado que ela está realizada e que as Comissões de unidade, cuja formação se deve à orientação do Partido, agrupam os trabalhadores de todas as tendências. Como havíamos previsto, apesar dos entusiásticos clamores de que os camaradas da O.C.F. se fizeram eco, principalmente para deslumbrar os incautos, a unidade não correspondia a uma realidade. Ela não foi mais que uma tentativa, mas uma tentativa a que se pretende encobrir o maligno à força de uma propaganda bem pouco honesta.

Além disso, a maneira como esse grupo se esforça por realizar a unidade não é mais que uma variante da tática de unidade pela base, mas realizada em condições que, sem uma análise detalhada, está previamente condenada. Se fudessemos acreditar na eficiência de uma tal tática, - o V congresso da I.A.I. em 1930, se a havia afastado dela - se a unidade realizada por esse processo fosse possível, sem se ter em conta a reacção dos militantes antic-sindicalistas, não seria um partido, por mais forte e unido que estivesse, a organização capaz de a realizar, dadas as suas características orgânicas e políticas especiais. Seria necessária uma organização mundial e não é esta a situação. Acresce ainda o facto de que esta infeliz tentativa é mais um argumento para os que afir-



nam que a unidade para nós, comunistas, é exclusivamente um meio de servirmos interesses ideológicos particulares, uma arma para desorganizar, em vez de unir, as fileiras das outras correntes ideológicas. Esta é precisamente esta ideia que é preciso desmontar, que é mister desfazer, e isto não se consegue com reiteradas tentativas de se alcançar a vira força a unidade, sem ter em conta os que caminham a nosso lado na luta.

Infelizmente, esta tendência exclusivista não é pechada somente de numerosos comunistas. Nós conhecemos um grupo, não pequeno, de anarco-sindicalistas que sofrem do mesmo mal, com a simples variante de trocarem as bandeiras. Para esses camaradas não há unidade possível fora da C.G.T., isto é, fora da A.U.F., à qual era adrente a principal Central Operária Portuguesa. Eles usam hoje o mesmo estribilho que, desde 1924, vêm repetindo. Dizem eles: "Na C.G.T. cabem todos os sindicatos que dela fazem parte; os que se afastaram dela não têm mais do que regressar e a unidade estará feita?"

Esquecem esses camaradas que desde 1924, a Terra já deu milhares de rotações à volta do Sol e que as ideias do anarco-sindicalismo fizeram desde então uma tal viragem que, para se falar hoje numa C.G.T., é mister perguntar-se se se trata de um organismo com ideias dos que se cristalizaram e conservaram fiéis até à A.U.F. ou com as modernas tendências anarco-sindicalistas de Angel Pestanha. Pretender resolver o problema da unidade por essa via seria repetir hoje as mesmas discordâncias e as dissidências que se deram a partir de 1922, aproximadamente. Esses camaradas conservam-se, como muitos dos nossos, agarrados a uma ideia e a um passado como a água ao rochedo, não vendo as grandes transformações que se operaram e o que desde então se passou à sua volta.

xxx

Mas, retomemos o nosso fio. Já verificamos a inaptidão de qualquer das duas táticas para se realizar a unidade da classe operária. Agora seremos que entrar com mais um factor em jogo - a existência de um movimento sindical fortemente organizado mas sob a influencia directa do fascismo, por intermédio de direcções subordinadas ao Sub-secretariado das Corporações.

Existe, por consequência, organização sindical, embora dependente. Muitas vezes nos temos referido ao aproveitamento desta herança que, sob o ponto de vista organico, se devera conservar intacta, isto é, que não a devemos retallar como se retallaria qualquer herança entre irmãos desavindos.

Depois do longo caminho percorrido desde Janeiro de 1934 até hoje, chegamos, por assim dizer, quasi ao termo da viagem da fascisação dos sindicatos. Se o antigo movimento ilegal não tivesse sido estupidamente desbaralçado pelos seus dirigentes ainda hoje continuavam a sua fúrgenta obra, nos teriamos chegado a esta etapa do caminho mais sem a felicitada para as actuais circunstâncias. É tarde para desculpamos esses nossos; urge, portanto, corrigi-los, readquirir o furo e o sentido.

maneira de o fazer não é repetir velhos métodos e táticas.

Está visto que se nós pretendêssemos realizar a unidade sob a nossa égide, iríamos chocar com os nossos camaradas anarco-sindicalistas, que farão inevitavelmente todos os esforços para obstaculizar, e com raras excepções, esse trabalho. Por outro lado, pensar-se que a velha C.S.F. poderá realizar essa tarefa é tão-bém uma quimera, como quimera seria poderem as novas concepções anarco-sindicalistas patrocinar exclusivamente essa unidade.

Por consequência, o que importa hoje fazer é colocarmos a unidade fora da influência directa de qualquer das organizações revolucionárias existentes, numa palavra, arrear as bandei-ras de qualquer dos lados para se poder realizar a unidade. A unidade deverá ser o ponto central da actividade de todos os militantes operários e deverá, por assim dizer, constituir o único e verdadeiro partido ou organização da classe operária, tal é a im-portância desse trabalho.

Por outro lado, dever-se-ia deslocar toda, ou o máximo pos-sível da actividade das organizações partidárias para os sindicatos nacionais, no sentido de os ir transformando em órgãos indepen-dentes e unificados da classe operária. Simultaneamente, como não poderia deixar de ser, uma parte dessa actividade seria rea-lizada nas fabricas e oficinas, mas sempre no sentido transformador da posição dos actuais sindicatos.

Para se alcançar o duplo efeito de unidade e de aprovei-tamento no ponto de vista orgânico dos actuais sindicatos para o dia de amanhã, é mister que os seus realizadores sejam antes de tudo trabalhadores, que tratem dos seus interesses económicos e políti-cos imediatos, que membros de qualquer das organizações que representam ideologias particulares. É claro que é difícil exi-gir-se de um comunista ou de um anarco-sindicalista que não impregue a sua actividade do estigma particular do seu ideal, mas deve ter-se em mira que a unidade da classe ope-rária depende da menor medida em que as idéias previamente aceites influam o trabalho comum com os trabalhadores de ou-tras tendências. Na medida em que isto se for conseguindo — o que não será possível logo nos primeiros momentos — estaremos certos de que estaríamos no bom caminho da unidade, não só-mente neste período transformativo que vamos atravessar mas ainda no período reconstrutivo de amanhã.

É preciso, é indispensável, que amanhã se não assista ao es-petáculo doloroso da divisão do movimento operário. É necessário con-siderar a classe operária como uma e indivisível, não somente na luta como também na sua organização mais imediata — os sindi-catos.

Para tal é claro que os constituintes dessa obra não serão espe-cificamente comunistas ou anarco-sindicalistas, mas sim trabalha-dores, seja qual for a sua orientação política, de um P.C., de um A.P., ou de um outro agrupamento político, dever-se-ia limitar a coordenar

PROFILAXIA

- Na Base unitária -



A "Semana da Tuberculose" veio de novo agitar um velho e terrível problema para o qual ainda não foi possível dar solução eficaz, embora ela seja bem conhecida de todos. De novo vieram à público números que, na sua fria expressão revelam a trágica situação das classes trabalhadoras, porque é sobre estas principalmente que a tuberculose - e outras pestes - encontra mais probabilidades de penetração, de contágio, e por conseguinte nelas recruta o maior número de vítimas.

Horrorem aproximadamente 11:000 pessoas por ano, são em Portugal 75:000 indivíduos de ambos os sexos portadores de tuberculose, segundo as estimativas oficiais - que devem andar muito aquém da realidade. Perante isto, não se pode ficar indiferente. Não só o espírito de solidariedade humana, mas também o indeclinável dever que todo o revolucionário tem de defender os que vivem debaixo da mão capitalista, obriga

os seus programas com a actuação geral em prol da unidade e evitar de criar as menores dificuldades possíveis para que os seus aderentes cheguem a essa almejada meta. É esta, quanto a nós, a base em que, nas circunstâncias presentes, deve assentar toda a actividade tendente a unificar de futuro o movimento operário português. Oportunamente teremos ocasião de particularisar a maneira mais viável de conjugar todos os esforços. Esse será o lado prático da unidade, será o aspecto técnico que, quanto importante, subordinar às ideias aqui enunciadas.

Só a partir deste princípio elementar, mas difícil de executar, dado que ele exige de todos os militantes, com ideias já formadas e enfeudadas a várias escolas teóricas, uma viragem completa da sua maneira de agir e até mesmo renúncia ao particularismo e exclusivismo das suas ideias, só a partir desse momento - repetimos - se darão os primeiros passos para alcançar o que, por palavras, todos dizem desejar.

É indispensável que das palavras se passe aos actos e que, cedendo sinceramente a unidade, não a pretendamos enfeudar a qualquer organismo ou ideia, fendo a unidade ao serviço da classe operária e não dos interesses propagandistas de um agrupamento desta classe.

É indispensável que a libertemos, o mais possível, das tradições lógicas a que todos os militantes, que sentem sinceramente a urgência da unidade desta época, se unam, não na medida do barriell como ideólogos, mas como trabalhadores atormentados pelos mesmos desejos e anseios de uma vida melhor e mais livre.

GES
PCP

a olhar a sério, a estudar cuidadosamente os meios práticos de neutralizar e combater até ao extremo esse e tantos outros flagelos.

O "Beculo" disse, e muito bem, que a tuberculose não se combate apenas nos dispensários, nos sanatórios e nos hospitais. Não tem apenas o médico o inimigo. Não encontra só nas drogas e nos tratamentos cirúrgicos ou clínicos, os antidotos capazes de a debelar, de a curar, de evitar a sua constante e flageladora expansão. Pode até dizer-se afortunadamente que quando a medicina e o sanatório têm de intervir, já o mal por tais progressos que só a custa de mil e um sacrifícios, de longas temporadas de hesitação e luta, podem alcançar resultados satisfatórios. Ela evita-se, não se ataca somente depois de se ter revelado, como um fogo que tudo devaste e calcine.

Ora, a verdade é que a tuberculose é um problema económico e, ao mesmo tempo, um problema educativo. É económico porque grande parte dos seus factores pode localizar-se no domínio das condições materiais de existência da maioria, diremos até da totalidade, das classes trabalhadoras: deficiente e mal ordenada alimentação; trabalho excessivo e sem correspondente reforço nutritivo; habitações sem higiene, sem luz, sem ar e sem conforto; mau tratamento das crianças e falta de assistência médica; por carência de recursos necessários; em suma: baixíssimo nível de vida de uma população que nem chega a tomar consciência das suas deploráveis circunstâncias em quase todos os casos.

Neste aspecto, só uma profunda reforma social conseguirá alcançar resultados desejados, mas ela não pode ser levada a cabo com um regime político que se apoie, fundamentalmente, na mais ignominiosa exploração e escravatura das classes trabalhadoras. Um governo popular decerto poderá pôr em prática medidas excelentes, coibindo abusos, regressando garantias dos grandes senhores da indústria e do campo, fazendo incidir sobre eles - porque muito têm - os encargos e os "sacrifícios" de que agora fogem como o diabo foge da cruz. Mas isso operar-se-ia lentamente, numa evolução cujo ritmo será desproporcional à urgência que o problema requiere, e não ser que esse governo promulgue as medidas drásticas, o que pressupõe um determinado estado político, por ora apenas idealiza-se em Portugal.

O movimento operário, por intermédio da organização sindical, tem travado sã batalha e obtido vitórias, sem dúvida. A diminuição das horas de trabalho, a luta pelo aumento de salário, etc, são meios de combate directos à peste branca. Somente a debilidade do movimento tem impossibilitado a imposição de medidas que solucionassem completamente o mal. É essa debilidade perdurará ainda por alguns anos...

De maneira que, sem descurar o prosseguimento da batalha, que deve ser tenaz e vigorosa, há necessidade de se encarar, paralelamente, um outro aspecto: o educativo.

É a falta de cultura elementar para a vida, tendo como primeiro aspecto "esse realismo fantasma do analfabetismo", que explica muitas imperigências, a falta de higiene em bastantes casos; é ela que explica a horror inveterado da imprensa, a maioria do povo ao ar livre, à água corrente, ao exercício saudável, à higiene constante, a trabalho sem condicionamento pelo repouso, a limpeza no corpo e no lar.

**GES
PCP**

Parece-nos, pois, que os sindicatos operários e todas as organizações de trabalhadores, quer elas se chamem Casas do Trabalho, Casas dos Trabalhadores, ou tenham qualquer outro nome, tem neste campo uma larga missão a desempenhar.

Sabemos todos, pela própria experiência, que não podemos alcançar um objectivo máximo sem transpormos muitos obstáculos. A luta objectiva se fura um fim determinado, mas, até lá, há muitas fases intermédias.

Podemo-nos conformar, por ventura, a repetir continuamente que só a revolução social trará o bom-estar dos trabalhadores? De certo, impõe-se a necessidade de fazer penetrar no espirito de todos essa verdade; porém, urge fazer-se algo de pratico, abrir caminho, ir avançando e lutando sempre com as armas que possuímos. Isto quer significar que não nos devemos deixar imbuir da tendência idealista que só vê no supremo fim o meio de tudo se solucionar rapidamente, abstraído-se do caminho a percorrer. Falsa é até a concepção de ser tudo fácil de resolver-se mesmo com a "nossa revolução" triunfante, e contra isso devemos estar prevenidos. A revolução trax-nos a honrada responsabilidade de executar e não se diga ou pense que tal tarefa equivale a de hoje que, na maioria dos casos, se limita a criticar, a propor, a esboçar e a lutar. Mas, voltemos ao assunto.

Dizíamos, que no aspecto educativo encontram as organizações dos trabalhadores um vastíssimo campo de acção; repetimos, não no intuito exclusivo de solucionar, mas de neutralisar, tanto quanto possível, o desenvolvimento da tuberculose e de outras doenças.

Com efeito, o sindicato, a par de comissões várias e de fins variados por todos nós, poderia facilmente criar comités de profilaxia social que se multiplicariam por todos os locais de trabalho.

Tomemos, por exemplo, um comité de officina, de profilaxia social. Três ou cinco operários, de iniciativa e de espirito pratico, poderiam ser uns excelentes orientadores e vigilantes das mais elementares praticas de higiene. A publicação regular de normas simples, a sua divulgação no local do trabalho, junto ás máquinas, nos vestiários, refeitórios, etc.; a constante vigilância sobre os mais rebeldes; o conselho no momento oportuno ou a critica severa, consciante os casos. A lavagem das mãos da boca; a ventilação das janelas abertas, deixando que o ar entre e purifique o ambiente; o banho após o trabalho, a mudança de roupa mais a miude, pois muitas vezes não é a pobreza que a impossibilita mas sim o relaxo e o desconhecimento do mal que faz e uso dela. A organização de palestras, por médicos ou outras autoridades nestes assuntos, fazendo afluir a essas reuniões não só os operários mas tambem as suas familias; a organização de grupos, formados apenas pelo interesse que a propaganda da sabida despertar, (livres, entanto, da burocracia, que as demais das vezes emperram e dificultam o trabalho pratico) com o fim de, na época própria, passar o domingo no predo ou no campo, trazer os netos aos operários, seus filhos e esposas, um dia de folga de pleno gozo, mesmo sem o aperto de ^{visita} locais de solidariedade entre todos, ou mesmo, a museus e outros lugares publicos são formas de trabalho pratico e economicas que têm um valor indiscutivel na luta social.

TRABALHO

Simples e complexo



É frequente ouvir-se dizer que na União Soviética continuam a manter-se salários diferentes. Um engenheiro recebe muito mais do que um operário, este mais do que um serente, etc.

É um ótimo argumento para impressionar todos aqueles que desconhecem as massas elementares leis económicas e têm uma falsa noção da igualdade. Desejam uns que o socialismo inverta totalmente os valores dos homens, isto é, que os exploradores passem a usufruir a situação dos actuais explorados e vice-versa; outros que tudo se nivèle, que todos recebam os mesmos salários, tenham os mesmos direitos e deveres.

Há muitos trabalhadores revolucionários, simpatizantes da União Soviética, e até aderentes ao partido comunista, que só têm uma grande mágoa ao lembrarem-se de que o técnico de hoje, que o castiga e explora, recebendo altíssimos vencimentos, poderá, depois da revolução, continuar dispo-

mentalidade, que tem de distinguir a grande família trabalhadora.

Estas e tantas outras coisas foderão fazer sorrir muitos militantes, porque não têm "carácter político", não mostram a possibilidade de mostrar os seus profundos conhecimentos marxistas, de revelar a prodigiosa memória que decora e retém páginas e páginas de textos de transcendental filosofia...

Não importa! Escrevemos neste momento, para um grupo de camaradas que não querem nem pode, depois de tantos sofrimentos, falar, ficar a meio caminho e lançar-se na egoísta comodidade - tão apreciada e louvada pela burguesia.

O movimento operário que ha-de ressurgir, independente e mais vigoroso, não pode confinar-se nos moldes antigos.

Tem de impregnar-se de um espírito novo, alargar a novos campos a sua actividade, pender o "ser convencional", restrito, fecho por conceitos de uma moral complicadíssima, engendrada nos cérebros de militantes muito puros, muito ortodoxos.

Os organismos operários têm de converter-se em centros activos de luta económica e política e também de cultura geral e prática. Têm de saber atrair à sua volta os operários e as suas famílias, deixar de "meter o nêdo" a muitos, porque só vêem nêles centros conspirativos que os levarão à fome, ao desemprego e... à desgraça...

Já se espalharam, num outro número do Reduto, algumas ideias a propósito de Comités, na base múltipla sindical.

Hoje há a profecia.

Realizaremos ainda de outros aspectos que estão ligados aos sindicatos, ao movimento operário em geral.

tando uma situação privilegiada. Não encontram explicação que os satisfaz, uns calam-se e continuam lutando, outros desistem, por que afinal é tudo o mesmo e outros há, ainda, que não acreditam existir na U. Soviética tal diferença de salários e consideram-na, pura e simplesmente, como especulação dos advogados políticos, há ainda os que icom a bandeira da revolta contra tal desigualdade.

Será desnecessário evidenciar os prejuizos que estas concepções trazem ao movimento socialista e a necessidade que há de as destruir, de pôr as coisas no seu devido lugar, fazendo penetrar no espirito de todos os verdadeiros objectivos da revolução socialista, as suas sucessivas etapas e as vantagens reais que ela traz para todos os trabalhadores do braço e do cérebro.

Tudo isto tem de ser devidamente esclarecido, mas, como todas as coisas, a pouco e pouco. A assimilação de novas ideias, a transformação da mentalidade, de segue um processo paulatino e, mais do que as explicações teóricas, a evolução dos factores materiais, isto é, a evolução económica das necessidades, desempenha um papel muito mais importante. Mas a teoria e a prática são coisas que se complementam e se completam.

Antes de voltarmos no assunto que intitula este artigo, devemos declarar ser verdade existir, na União Soviética diferença de salários e não ser esta "confissão" vergonhosa para qualquer comunista. Pelo contrário, coloca no proprio lugar a Rússia, a revolução socialista, e isso só deve orgulhá-lo!

Sempre foi dito que a transição entre o Capitalismo e o Comunismo se caracteriza pelo desdobramento de duas fases. Na primeira subsistirá ainda certa desigualdade devida às dificuldades inevitáveis na primeira fase da sociedade comunista, tal como sai da sociedade capitalista "depois de um longo e doloroso parto". (1)

É uma dificuldade - diz Marx - mas ela é inevitável na primeira fase, porque, a não ser que se caia na utopia, não se pode pensar que imediatamente á queda do Capitalismo os homens sejam capazes de, num dia para o outro, trabalhar para a sociedade sem normas jurídicas de espécie alguma. A abolição do Capitalismo não dá, de resto, espontaneamente, as promissas económicas para uma tal transformação. (2)

Mas não nos devemos esquecer de que o principio de "quem não trabalha não come" foi estabelecido na União Soviética, e isto só por si reverte já uma diferença fundamental dos principios em que se baseia o sistema burguês.

E a "soma igual de trabalho, soma igual de produtos" é outro principio socialista, também atingido na União Soviética; nêle temos encontrar a razão das tais diferenças de retribuição, que tanto impressiona os espiritos e dá lugar a inconfessáveis especulações...

Para que se possa dar uma soma igual de produtos á soma igual de trabalho é necessário encontrar uma medida de valor. Vamos achá-lo na força de trabalho. O valor social mede-se, pela duração e intensidade do trabalho, nos homens que interveem na produção de qualquer artigo. Se for necessário empregar 10 horas de trabalho social para produzir um chinelo e 100 horas de trabalho, de intensidade dupla da anterior, para produzir um exemplo, um aparelho de telefonia, é evidente que o valor social de

(1) "Crítica ao Programa de Gota" (2) "Estado e Revolução"



quantidade de trabalho nêle personificado, será 20 vezes superior àquela que cada indivíduo gastou num dado produto. Se em consequência de falta de perícia ou pela falta de utensílios adequados, ou por qualquer outra circunstância accidental, um operário emprega mais tempo do que o habitual na produção de uma mercadoria, nem por isso o valor desta será maior do que o habitual. Também o valor não diminuirá se, devido a uma especial aptidão, ou ao emprego de utensílios especiais ainda não divulgados na sociedade, um operário puder produzir uma mercadoria em menos tempo que o habitual. Isto quer dizer que o valor social representa a quantidade de força de trabalho normalmente necessária para produzir mercadorias nas condições habituais de trabalho dessa sociedade.

Em virtude disto, é necessário distinguir entre o valor social normal e o valor individual ou accidental; entre a quantidade de força de trabalho geralmente necessária numa dada fase do desenvolvimento social e entre a força de trabalho empregada em cada caso individual. Para a ciência económica se tem importância o valor normal. Ela unicamente pode dar atenção ao valor individual na medida em que êle seja necessário para compreender todo o desvio da normalidade.

Se examinarmos várias formas de trabalho, separadamente, não será difícil ver que umas são mais complexas ou mais simples do que outras. Exemplificando: o trabalho de um sábio é mais complexo do que o de um relojoeiro e o deite mais do que o de um sapateiro, etc. E assim, ao investigar o valor social das mercadorias, é necessário ter em conta o grau de complexidade do trabalho.

A variedade das formas de trabalho e a sua complexidade desigual deve-se à diferente preparação dos trabalhadores e, por conseguinte, ao desenvolvimento desigual dos seus organismos. As formas mais complexas de trabalho correspondem a um desenvolvimento superior e as formas mais simples, a um desenvolvimento inferior. É claro que um organismo muito desenvolvido gasta mais força de trabalho num dado tempo que outro menos desenvolvido. Portanto, trabalho complexo, ou composto, que é o mesmo, deve considerar-se como um maior grau de força de trabalho do que o trabalho simples: o trabalho complexo equivale a trabalho simples multiplicado. Uma hora de trabalho de um sábio pode equivaler a duas horas de um mecânico e a 12 de um simples operário.

Assim, chama-se "trabalho simples" à forma de trabalho menos complexa que existe numa sociedade. Ao comparar os valores, o trabalho simples representa uma medida natural com que poderão medir-se outras formas de trabalho mais complexas. Uma hora de trabalho simples de intensidade média, numa sociedade, constitui uma unidade natural de força de trabalho. Suponhamos que um operário a aparelho complicado, de cirurgia, é produzido em 100 horas de trabalho social de tal complexidade que cada hora equivale a 4 horas de trabalho simples de intensidade média, naturalmente que o valor desse aparelho expressar-se-á em 400 unidades. É preciso ter em conta que tratando-se de sociedades situadas em diferentes fases de desenvolvimento, as unidades de forças de trabalho têm de variar também. Portanto, como unidade de medida de for-

ca de trabalho social devemos tomar uma hora de trabalho de intensidade média. Se uma mercadoria custa 12 horas de trabalho de intensidade média, será de ser ~~trabalho~~ trocada, por outra que contenga também 12 horas, por exemplo, por uma quantidade relativa de metal moeda. Os preços das mercadorias no mercado devem corresponder, por sermo médio, ao seu valor, de contrário verificaremos perturbações e instabilidades.

Parece-nos não ser necessário, por agora, desenvolver mais este tema de trabalho simples e composto para compreendermos o motivo das diferenças de salário na União Soviética, que, atravessando a primeira fase da transição da sociedade, adoptou o princípio de salário igual a trabalho igual.

Mas, devemos ser sempre presente que a retribuição de uma unidade de trabalho simples é calculada de molde a poder dar ao trabalhador não especializado uma vida desafogada, digna, sem equivalentes nas sociedades burguesas.

Apresenta-se a ideia de que um engenheiro, pelo facto de seu trabalho ser complexo, obtendo maior remuneração, enriquecerá.

Outras medidas complementares de carácter económico e político impedem tal "fenómeno burguês". Inclusive a sua posição social, na União Soviética, não lhe confere direitos identicos aos que ~~ele~~ usufrue na sociedade capitalista. Nesta, é um agente do patrão, o seu objectivo é alcançar, com maior lucro na empresa, em que trabalha e esse lucro tem a sua origem na exploração do operário; naquela, ele é um agente da propriedade colectividade, é esta que lhe regula e limita as funções em relação ao trabalho. A diferença é evidente.

É, para terminar, transcrevemos de Marx:

"Na fase superior da sociedade comunista, quando tiver desaparecido a avassaladora subordinação dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, o antagonismo entre o trabalho intelectual e o manual; quando o trabalho se torne, não só o meio de vida, mas também a primeira necessidade da existência, quando, com o desenvolvimento dos indivíduos, em todos os sentidos, as forças produtoras forem crescendo e que todas as fontes de riqueza colectiva bastem abundantemente, só então o estreito horizonte do direito burguês poderá ser completamente ultrapassado e a sociedade poderá escrever nas suas bandeiras: "De cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades!"

III



"As eleições de deputados são universais, todos os cidadãos da U. R. S. S. que atingiram a idade de 18 anos, independentemente da raça, nacionalidade, religião, educação, origem social, estado de propriedade ou actividades passadas, têm direito a votar e a ser eleitos, com excepção das pessoas alienadas ou daquelas que tenham sido condenadas por um tribunal à perda do direito eleitoral.

(Artigo 135 da Constituição soviética)



CÊNAS DA NOSSA VIDA

- Dois discursos -



Sentados à beirinha do nosso misero leito, encostados à mesinha de cabeceira, tendo sobre ela alguns lingua-dos de papel, nós pasmamos porque nesta ocasião, em que o sol fescal-dante cal a fogue sobre o acampamento, vemos passar o carro da água puxado por um boi - o animal que no nosso país é o grande auxiliar e companheiro do homem que labuta no campo. Recordamos o árduo trabalho e a luta quotidiana do rural dos nossos campos do vasto Alentejo.

Através da porta da casa que nos serve de quarto neste ce-leberrimo "campo da morte", encaramos com alguns metros de arame far-pado e a "rala da canalla", "ornamentos" que circundam duplamente este rectangulo. Em frente, mais além, uma cordilheira imrome im-pede-nos de avistar a infinidade do horisonte que nos fere a vista porque o sol quasi que queima. O silencio que neste momento impersa no acam-pamento é quebrado pelo acordes dalguns bandolins e pelo rodar do car-ro da água que o pobre boi puxa fethosamente nesta hora de sesta - hora a que blevia descamar. Neste inferno, neste Tarragal, nem os animais esca-piam às violências e tiranias do fascismo!..

Empunhando a caneta, preparamo-nos para escrever qualquer coi-sa; mas a disposição falha-nos miseravelmente porque temos arrastado uma longa vida de trabalho e 17 anos de luta, mais ou menos acidentados, dos quais 8. Anternados neste histórico acampamento. É certo que não temos falta de assunto, porque a volta da nossa vida aqui dentro muito e muito há adiz-zer e a escrever para que o povo português saiba e conheça perfeitamente a situação a que o fascismo nacional nos conduziu - a condenação à morte lenta!..

Sobem-nos à memoria os trágicos momentos que aqui temos vivi-do, tudo por que temos passado, e o assassinato de trinta companheiros nossos, que ali fazem naquêl comitêrio. Sem que fudessem ter recebido os últimos fraternalis carinhos dos seus entes familiares. A tremonda con-vulsão que lavora em nosso espirito e a dor que avassala a nossa alma, por detestarmos a tirania e a crueldade que o fascismo internacional tem pra-ticado em todo o mundo, leva-nos a não podermos esquecer nem a perdoar os seus verdadeiros responsáveis. Os crimes dessa nefasta camarilha não podem, não devem, passar impunemente, porque a Humanidade tem de convergir para uma Vida Nova: vida de paz, de progresso e de fraterni-dade entre os povos.

É claro que não desejamos cair em excessos, ferir e matar a torto e a direito ou reduzir a miséria todos aqueles que não pensam como nós. Não, isso de maneira nenhuma. Falhamos em vista, por exemplo, o procedimento da U.P.S.S. para com a Finlândia, a Romênia, a Hungria, e até para com a própria Alemanha...

É neste turbilhão de pensamentos que iniciamos o nosso artigo "Cenas da nossa vida", precisamente no momento em que as dez sinistras badaladas resocam para a formatura das 14 horas. Elas são tão cruéis como funhaladas em pleno corpo. Quantas e quantas vezes elas não têm sobresaltado o nosso socôgo, intimando-nos a formar, para de pois seguirmos para o trabalho, escoltados como se fôssemos criminosos da pior espécie? Quantas vezes não foram elas o porta-voz daquela ordem arrogante e autoritária: "prá' forma!.. prá' forma!..

Que tradição está a do Farrafal!..

Foram elas ainda, as sinistras badaladas, que nos fizeram com ha-
recer, formando alas, para prestarmos ^{a última} homenagem a aquele nosso companheiro que, como tantos outros, partia para sempre ao Posto de Socorros. Em vez de se manter um silêncio inalterável durante o tempo que o corpo aguarda a sua partida e não, elas sempre estudentemente a nossa comocão e a grossa dor pela perda de mais um, indicamdo-nos o cumprimento de um dever que todos nós, presos, não esqueceríamos porque os nossos sentimentos humanos nunca foram nem são, os daqueles que a sangue frio e revestidos do mais evidente insólito son-
quinário, nos vão matando lentamente...

No dia do funeral de um dos nossos companheiros tivemos certa facilidade de contactar com aquelas costureiras que trabalharam, durante algum tempo, na barraca de madeira que fica situada mesmo a entrada do acampamento. Uma delas, a mais velha, pessoa das nossas relações, presentin-do qualquer acontecimento, pois não sabia que minha falecido um recluso, pergun-
toe nos se havia alguma novidade.

- Sim Mãe, respondemos, morreu mais um companheiro meu.

- Oh! Coitado! Que infelicidade a sua! É tão triste morrer-se assim, longe da família, sem que receba o último adeus de sua mãe, esposa e filhinhos! E então a família sabia que ele estava doente? E quando é que ela sabe que ele mor-
reu? Que maldade a destes homens que deixam morrer um preso, longe da famí-
lia! - Sentou-se e começou a chorar.

Retiramo-nos para a caserna a pensar nas palavras daquela mu-
lher. Que ignorante era aquela pobre alma, mas que fioco de sensibilidade e seu
coração! Não há dúvida que esta gente, apesar de classificados de selvagem
- e como tal tratada - tem sentimentos nobres e sensibilidade como qualquer
pessoa "civilizada". Temham paciência os "ilustres" racistas, mas isto é uma
verdade incontestável. São seres animados dos mesmos caracteres que nós - de
nhores brancos? Similmente, incultos - daí a razão do seu atago...

Quando na tarde desse mesmo dia se organizou o funeral e o cortej-
se fôs em marcha, tivemos ocasião de verificar, na altura em que o feretro saíra
do Campo, que aquela mulher chorava, fazendo aconos com o seu lenço
branco...

Passemos a outros promones da nossa vida aqui dentro, ou talvez...



nos interessante e digno de registo nos annos da "história do Faraol".

Estámos em Abril de 1940 e o major Amadeu de Figueiredo, governador deit' Arquipelago, visita esta "Colónia Penal" acompanhado pelos officiaes da guarnição de um navio de guerra que nessa altura sulcava estas águas.

João da Silva, então director da "Colónia Penal", depois de ter recebido toda a comitiva e de ser percorrido e mostrado algumas dependencias e obras da "Colónia", ofereceu-lhes um almoço, que decorreu animado.

Nenhum dos forasteiros mostrava o minimo contristamento, por que afinal, tudo aquilo era festa, era a vida risonha e bela. Nenhum semblante indicava o mais leve pesar pelos que, a poucos metros de distancia, viviam ladeados por arime fechado, contornados por uma vala e guardados por sentinellas indigenas, colocadas a cada canto deste rectangulo.

Aqui estavam internados duas centenas e tal de homens, em condições deploraveis, só pelo simples motivo de serem revolucionarios. E enquanto estes apertavam os cintos e os cósos das calças; enquanto milhares e milhares de almas caíam com fome e o mundo estava quasi todo a ferro e fogo, na "Noventa do Monte", residencia do director, comia-se e bebia-se alegremente.

Mas, que fazer em presenca de tão duras realidades?

Tudo isto é a vida meridiana, é o produto de uma sociedade de capitalista, com todo o seu desnivelamento, é a indiferença dos que vivem comodamente felos que vivem na miséria e na tormentosa ladeira da vida, mourejando no conforto, na fábrica e na officina, para conseguirem o miserável pão de cada dia...

Terminado o almoço, beberam-se algumas garrafas de vinho do Porto, brindou-se por isto e por aquilo e seguindo informações que reputamos fidedignas, o sr. Governador do Arquipelago, num breve discurso, disse, mais ou menos, o seguinte: Que estava muito bom impressionado pela maneira como fora recebido e com tudo quanto vira. Mas condições em que nos encontrávamos e atendendo ás dificuldades e ao momento, não se podia exigir mais "porque mais não se podia fazer". Que estava encantado "porque isto agora era uma maravilha", e que dentro em pouco tempo, sem blávida, teriamos aqui "uma frequenta mas moderna aldeia". Que em virtude da missão de director desta Colónia Penal ser "um pouco imparita, e mesmo espinhosa", lembrava que os homens que estavam neste campo, embora lá com as suas tendências, eram, acima de tudo, portugueses, alguns com excelentes qualidades de trabalho, conforme o attestaram já algumas obras que aqui se fizeram, muito especialmente o trabalho de Candeia, que tão extraordinaria impressão causaram na ocasião em S. João o Sr. Presidente da Republica nos dias a honra da sua visita, quando da sua passagem pela cidade da Praia? Que em virtude da "missão de responsabilidade" que o sr. director tinha e dos próprios perigos que assolavam o mundo, encarava como necessidade o abaterem-se as barreiras para que todos os portugueses "se reunissem, como um só homem, á volta dos chefes da nação - Sr. Oliveira Salazar e general Carmona". Achava até "muito humano e aconselhavel" que o director desta colónia fosse "tolerante e benévolo para com os reclusos".



não se pelas razões que já apontara. Como ainda, porque "a própria condição de preso, em si, já era penosa". "Um pouco de complacência não quebra a disciplina, como a violência em demasia não corrige nem submete". Disse que para Ele constituía motivo de furar os rios de sangue que ensanguentaram a terra, as Lágrimas que encheravam tantos milhões de rastos da destruição do muito que se representava o esfíncio e riqueza das nações em guerra, mas que o animava de grande alegria o facto de Portugal se manter neutro, "graças ao homem que apontara os destinos do país".

Terminou, com mais um birrde e dizendo que desejava que todos os portugueses se abrigassem debaixo da mesma bandeira - a bandeira da Pátria?..

João da Silva, que se sentia mais impudor que Napoleão, porque ao pôr o mundo na sua mão, julga a vitória do fascismo um facto e que todos os seus crimes praticados neste Campo de Concentração passariam à impunidade.

Ele, que não tem a menor fibra de sentimento e que se não sabe, lealmente, na barricada, como qualquer homem convicto e idealista! N'Ele só existe e impura o intento de um autêntico Nero e o espirito de um tirano como Calígula. Os seus traços psionómicos não iludem ninguém; quem fixar o seu olhar carrancudo não lhe será muito difícil constatar que está na presença de um despota, porque Ele não encara ninguém sem de frente nem com água de olhar que lança fúria e sentimento. Os seus sorrisos são de fúria maliciosa, os seus machos de um carrasco, que denuncia claramente o reflexo do que lhe vai na alma. É um fúco de maldade. Em, porque um sorriso frouco ^{o que sempre} sempre sempre condescendência e franqueza. Onde e quando possuiu tal característica? N'Ele mesmo hard os seus superiores e foi monitório e clínico. Escandiu ao governador, e às pessoas que o acompanhavam, as crueldades, os desmandos e as torturas por que fazia passar os presos desta "Colónia".

Inteiradamente convencido de que a Espada e a Cruz detinham a marcha da Humanidade, a caminho do progresso, e com a habitual desparcatez, esboça o seu sorriso jesuítico e o seu olhar impudorante e responde ao governador, mais ou menos nestes termos:

Que estava profundamente grato e reconhecido com a visita de S. Ex.^o a esta "Colónia", da qual era director, e que, como militar, cumpria os seus deveres como defensor do Estado Novo. Afirmou perentoriamente que dedicava "firmeza e abnegação" à luta para "defender a pátria e a situação" que eles, militares, fizeram triunfar em 1926 e que "tão firmemente tinham mantido e consolidado".

Que tinham "arrancado o país do caos" e das mãos daquelas "que colocavam os seus interesses políticos e pessoais acima dos interesses do país". Que não havia dúvida alguma que "o país florescia a olhos vistos graças ao seu salvador", Sr. Oliveira Salazar, nas finanças, e ao "prestígio da grande figura militar" General Carmona. Que tinha muito claramente a noção da responsabilidade e dos seus deveres, não hesitando em si momento por seu lado, na "luta contra os perigos externos e internos do país, pois que dizem verdade, na verdade, uma missão espinhosa e ingrata. Que uma das suas condições de vida é "ser disciplinado", coisa que exigia aos seus subordinados para que dentro deste estabelecimento a disciplina fosse um facto e não uma anarquia, "como entretanto quando se tomou posse deste cargo".

Disse não ser necessário enumerar o que se tinha feito.

durante o período da sua direcção, bastando dizer, simplesmente, que "estava construído o alojamento para os presos: era uma coisa "que toda a gente via à vista desarmada e que se tinha conseguido sem grandes esforços, porque não exigia que se fizessem imprevistos: "cada um lo que podia e sabia fazer"...

Afirmou também que os homens que se encontraram detidos neste acampamento, acima de tudo, eram portugueses, e alguns com excelentes qualidades de trabalho, que se encontraram afastados de suas famílias. Ele também tinha sensibilidade e que, por isso, "procurou sempre ser tolerante para os presos e procurar-lhes condições de vida, coisa aqui não havia quando aqui chegou? Para ele - disse - constituía um certo orgulho o trabalho já realizado e que, efectivamente, os "Escudos" representavam a capacidade e as qualidades de trabalho e de arte dos homens reclusos.

Lamentou que houvessem aqui homens "que pensassem como pensavam, porque, de contrário, poderiam ser muito mais úteis a si próprios, às suas famílias e ao país", que sem merecia o esforço, o sacrifício, e tanto e o carinho de todos os portugueses...

João da Silva, figura sinistra que tanto mal nos causou, terminou afirmando "que os seus esforços e as suas esperanças estavam no que tinha feito", e que no fim da sua direcção sairia "tranquilo" porque tinha cumprido com os seus deveres, emieto de que alguns presos seriam no futuro mais conscientes e mais dignos do bom nome de portugueses?...

Levantou o cálice e, com um viva a Portugal, saiu com as pessoas do Sr. Oliveira Salazar e general Carmona.

Se nos dispussemos a fazer os devidos comentários a estes dois cursos, certamente que ocupariamos muito tanto espaço e tornar-nos-íamos massador. Todavia, algumas palavras devemos ainda, confiados na benevolência dos Comrades, que, de certo, desculparão o novo longo artigo...

Claro que não confiamos, nem amamos a sério, as palavras do Sr. Amadeu de Figueiredo, já porque ele é um dos pilares da actual situação fascista portuguesa, já porque estamos cheios de demagogia, não esquecendo, ainda, que se trata de um oficial superior do Exército, com um elevado cargo, que em tempo algum tentou sequer recusar, ao contrário, honrando-se e acatando todos os lugares chorucos, como qualquer colaboracionista de Salazar. Tendo abandonado o "Partido Democrático", naturalmente porque lhe requeiram as suas próprias responsabilidades e a debilidade e desprestígio em que em partido caiu, não teve hesitação em aderir e colaborar numa situação política que outra coisa não tem feito senão oprimir o povo português, exterminando-lhe, além do mais, os direitos de liberdade de reunião, de imprensa, e de propagação. Afirma uma ditadura que transgrediu os mais sagrados ^{direitos} de um povo e que no capítulo de crime, pelo roubo e da violência, é tudo quanto foi conhecido e, por fim, sem "armar" ao sentimento, aos "bons portugueses", dizendo-se encantado com tudo quanto viu aqui...

Mas as maravilhas que ele observou - que na realidade

alguma coisa eram, em relação ao que encontramos à nossa chegada - foram, quasi na sua totalidade, construídas por nós, debaixo de sol ardente, mal alimentados e sob o terror dos castigos e dos modos brutos com que os nossos carcereiros nos tratavam, com falta de tratamento clínico, quando doentes, etc.

Quantas energias esgotadas, quantas febres e quantos mortos nos não custaram essas "maravilhas" que o sr. Amadeu de Figueiredo viu e emalteçou neste Paraíso encantador?

O sr. Governador apenas viu este insólito rectângulo com quatro "pavilhões", uma notável cozinha, um posto de cofres, com uma mesa, uma cadeira e um lavatório, as "oficinas" e uma barraca que serve de casa de banho e lavadouro. Foi que o Campo era ladeado por grama farpada e uma vala - a "Vala da comalha" - que tanto contribuiu para a inolvidável "semana sangrenta" do período agudo de 1934, mas não soube, ou fingiu não saber, que essa vala começou a ser aberta pelos próprios presos, na época de maior calor, e que foi isto mesmo que originou aquêle grande desastre. Não se preocupou em saber das condições em que nos encontrávamos aqui: a situação jurídica, a alimentação, a questão da higiene e o problema da assistência médica. Não se incomodou que fôssemos mal tratados, que isto tivesse ou não condições de vida para a permanência de europeus, anos e anos em regime prisional. Como "patriota", humanitário e zeloso pelos "interesses da nação" e pelos direitos da própria justiça, também se não preocupou que isto custasse aos países ricos de dinheiro, pois, de contrário, como pessoa de vulto na situação e dentro do seu alto cargo de governador, teria procurado colocar-nos em situação de deportados, em liberdade e com subsídio, o que se tornaria, além de mais económico, numa medida mais humana...

Mas o fascismo não olha a economias nem a humanismo quando se trata de liquidar, extorquir e massacrar.

Quanto às afirmações de João da Silva é que mais poderemos acrescentar aquilo que se sabe já a respeito dessa "Besta Humana"?

Essa figura da alcatéia, que teve o arrojo de afirmar, que aquilo que se tinha feito havia sido conseguido "com grandes esforços", fazendo "ca-da um o que podia e o que sabia"!

A isto que responde o registo de castigos aplicados, as saídas ao depósito de Comalescentis e à enfermaria, os camaradas que fizeram parte da célebre "Grigada Torrada", os óbitos e a barriga de todos os presos que, apesar da grande abundância do simpático "pedregalão", da fartura de carne com "Triguimore" e da grande ausência de colimontes na confecção da nossa alimentação - tanta fomeinha passou!

Esse verdugo, que teve o descaramento de dizer que com sua preocupação de ser tolerante para os presos, que lhes proporcionou condições de vida, que sabia que se encontravam afastados da família e... que também tinha sensibilidade!..

Todos nós sabemos perfeitamente qual foi o espírito de tolerância e de benevolência que esse tirano usou para com os presos. A máxima repressão e os mais duros trabalhos ao sol; as contínuas "grigideiradas", em de tantos camaradas nossos passaram aos vinte, trinta e quarenta dias, de...

Palavras úteis...

GES
PCP

Confiança!... Esta palavra, isoladamente, expressa: crédito, esperança ou segurança em determinada pessoa ou ideia. Porém, sucede-lhe como a todas as palavras, ao entrarem na composição de uma frase - o seu significado próprio é completado e favorecido alterado, consoante o pensamento a que se refere. A sua conquista na vida revolucionária tem que ser baseada em factos, aos quais não podem ser estranhas a nossa coerência e personalidade.

Quando dizemos ter confiança em determinada acção revolucionária é porque, para além do nosso esforço e boa vontade, quem dirige, a sobe conquistar entre nós, pelo seu trabalho e pela sua honestidade. Por consequência, para merecermos a confiança de segundos, as nossas palavras não se devem distanciar das nossas acções, caso contrário, se alhearmos a teoria da prática ou vice-versa, caímos naquêlo adágio popular: "bem prega Frei Tomar...", isto é, caímos no fraso do ócio, na "política do alto", nos empenhamentos de vulto que se ferdem no mundo imaginário das grandes realizações. Distanciando-nos das camadas inferiores culturais da população, que no entanto possuem uma intuição quasi exacta de quanto vale o realizar. E quando não realizamos, pouco que sefa, não inspiramos confiança. Portanto, há uma necessidade premon-

cos, com o "coirão" em cima do cimento, sem a menor defesa dos mosquitos e sem água, sequer, para lavar a cara, sem fazer a barba e sem mudar de roupa durante todo esse tempo, com ração reduzida em dias alternados - pão e água - mas comendo, nos dias em que a ração devia ser completa, apenas uma simples caldívana.

No próprio dia em que João de Silva afirma ao governador e às pessoas que o acompanhavam, que também tinha sensibilidade e que "era bomvol e tolerante", a "Grigida" estava a abanotar com camaradas novos, pelo simples facto de serem rapazes de alguma recorte de fôrma, no despo natural de terem algumas ideias - bem direchadas, por sinal - que estavam impossibilitadas, de mais rigorosamente, de podermos alcançar. E que mais?

Um dia reu no rancho, que ele dizia serem economias que se destinavam a melhoramentos da "Colônia Penal", visto a polícia não dar verba para tal coisa. E quais foram os melhoramentos em benefício dos presos?

Foram a algebeira d'ele - que sem rubeada ia quando se retirou - a montagem de Escutaria, com tudo quanto era bom, a "Pavenda do Monte", com todas as comodidades de para "Seas Incalças", minha palavra, foi a tarriga dos presos a dar ental, as barbaridades inqualificáveis que sofremos e as três defomas de camaradas que já cantamos no número dos mortos...



te que reside na applicação dos seus conhecimentos teóricos á prática, onde quer que nos encontremos, o valor do trabalho não nos deve preoccupar, o que nos deve interessar é o exercicio dos menos adestrados, é procurar com acerto demonstrar como se solucionam os problemas e como devemos amobrar em conformidade com as suas várias fases.

Tanto para os veteranos que ensinam, como para os neófitos que aprendem, há que ter em mente a citação de Kant aos seus discípulos: "O que eu quero não é ensinar-vos um determinado sistema filosófico, mas sim que aprendeis a filosofar vós próprios, formando uma opinião própria". Isto é, a criação de militantes á cultura das necessidades do nosso movimento e dos seus vastos problemas, e não a criação de fisitacos ou mãos de recados sem objectivação.

Um militante operario e revolucionario tem que saber amalgamar a teoria com a pratica para que desta mistura adquira com exactidão o valor e a necessidade da maleabilidade tática, indispensavel para alcançar os objectivos estrategicos. Esta capacidade será tanto resistente, quanto maior for a compreensão, por parte do militante, dos seus elos isoladamente.

Os principios deministas que de videntes são o exemplo vivo da junção da teoria com a pratica do movimento operario mundial e é nesta base que os seus militantes se devem forjar, para auxiliarem os trabalhadores a vencer a inercia de que festejam possuicões. Inercia que irá desaparecendo na medida em que o presente lhes abra perspectivas futuras que elimine o tradicional servilismo. Isto consegue-se com realizações quotidianas, embora de diminuta importancia, mas que se materializem, e não com "somparronadas comunistas".

Ora, o Partido Comunista é formado organicamente por trabalhadores representantes das varias classes da operosa e de alguns individuos de outras camadas da população. É por conseguinte um centro abropeito dos elementos mais destacados da classe operaria e reflecte, por intermedio destes elementos, ás varias classes e meios massivos que frequentam, a sua linha politica. E deste modo, o militante comunista não deve agir com vistas a submeter esses centros a que pertence, ou frequentes, á direcção do seu Partido, mas levá-los a um contacto sistematico, mas voluntario, com a accão politica empreendida pela sua organização, utilizando para isso todos os meios possiveis de persuacção. E para isto conseguir com exito é indispensavel ao militante estar seguro da politica a seguir e sabê-la explicar a cada sector e a cada caso particular dos sectores.

* * *

"Saber com preender implica em saber tolerar. Os ignorantes não sabem tolerar". Graçe por muitos conhecimentos em mente mas por poucos realizados na pratica.

Ora, o militante que to preender a teoria e a necessidade da sua applicação de maneira teórica e não que saber, na pratica, ser tolerante, para com exito cumprir as tarefas do seu Partido, dar-se conta da comprehensão dos sectores com que vai contactar, do seu grau cultural, na medida em que se for capaz de



cultos, ser tolerante perante as impressões dos que com ele contactam.

Pode revelar-se de certa dificuldade esta noção prática do nosso trabalho junto de sectores ou individuos menos cultos, mas perseverar vencer estas e outras dificuldades é o nosso dever, pois, de uma coisa devemos ficar convencidos: é que na medida em que se for elevando o nível de compreensão, por parte dos menos cultos, estes vão sendo compreendidos e graças da nossa tolerância e o nosso esforço para os levar ao justo caminho. E não se caso, a sua simpatia e confiança para conosco e para com a organização a que pertencemos estará alcançada.

Al este trabalho não é estranha um pouco de psicologia. Porém, sem nos apercebemos da sua interferência, os seus efeitos foram - etc.

A personalidade desenvolve-se nos individuos por reflexão daquêles com quem contacta, ou seja, em certa medida, do meio que frequenta. Todavia, há sempre quem se destaque, nos meios massivos, pela sua vivacidade, capacidade cultural, e pelo seu grau de insinuação, condições naturais de certos individuos, o que contribue prodorosamente para que a sua volta se criem simpatias que, com o decorrer do tempo, se transformarão em cópias mais ou menos exactas daquêles que se abeberam insinuar. Isto prova claramente que o homem não desmente através dos seus actos a sua origem. Por consequência, nós devemos saber aproveitar este lado psicológico, esta tendência para a imitação, para os manter, influenciando-os com a nossa actividade e com o nosso procedimento revolucionário, tendo em vista que há em cada individuo um contacto estreito e quasi permanente entre o seu eu e o eu do importação, gerando conflitos íntimos, cujos contornos são a força do hábito e a influência estranha.

Estas duas forças, que se chocam constantemente, produzem uma terceira: a que orienta o nosso procedimento. Isto é, a consciencia que formamos lentamente.

A imposição da consciencia às manifestações espontaneas produz a personalidade mais ou menos rígida, personalidade que passará a reflectir-se nos que o rodeiam.

Mas para que a personalidade de cada individuo se torne rígida e revolucionária é necessário seguir-se com atenção e tolerância as várias fases de cada conflito íntimo manifestado publicamente por acções que podem não ser inteiramente correctas. E quando esta deficiência se verificar devemos agir no sentido de fortalecer o eu mais fraco, que se debata a dominar, para que passe a dominar, auxiliado pela nossa influencia tolerante e persistente. Isto com vista à formação de quadros.

Se substituíremos o trabalho massivo como fim, pelo trabalho de preparação individual, cairíamos na utopia. Por isso, é necessário desenvolver o trabalho de preparação de individuos, dos quais por fim se poderá passar ao trabalho massivo de um sector, fôrça que, como se sabe, depende da necessidade de cada sector, ser dirigida para a preparação de quadros, e não por elementos ali colocados para a execução imediata em qualquer iniciativa, se recorra a este meio, com os seus resultados.

Em 1935, a C. G. S. verificou a necessidade de vencer a inércia de que algumas direcções de sindicatos estavam possuídas. Essa falta de acção tinha a sua origem principal na inoperância de alguns dos seus componentes e num pouco de sectarismo. A solução que poderia ocorrer como imediata, teria sido a substituição desses elementos. Porém, nós encontramos por outro caminho, menos rápido, é certo, mas mais proveitoso, aproveitando esses mesmos elementos, auxiliando-os a vencer as dificuldades e a pôr de parte o sectarismo que os empecilha. E como? Criando um núcleo de camaradas experientes e conhecedores das questões sindicais, que se deslocariam e trabalhariam em conjunto com os elementos dirigentes dos sindicatos em "visitas clássicas da teoria à prática". Os resultados foram-se mostrando de êxito, na medida em que a persistência e a experiência dos camaradas escolhidos foram orientando, e desorientando de sectarismo os camaradas que se encontravam nas direcções dos sindicatos que nos mereciam reparos e não satisfaziam as necessidades do movimento.

Deste modo, conseguimos que o sindicato dos manipuladores de pão tivesse mais vida e saísse com o seu órgão - "O Trabalhador da Alimentação" - e aplanasse, em certa medida, a separação existente entre comunistas e anarquistas.

Outros sindicatos que se encontravam em organização foram despertados com a nossa presença efectiva durante algum tempo, passando a uma actividade digna de sectores ligandocabs, embora ilegais, até que achamos oportuno deixá-los em treques a si próprios.

Sem conflitos ou descontentamentos, que geralmente se produzem em substituições, e não dando a impressão a quem é substituído, de um certo grau de incompreensão, nós fizemos quadros e preparámo-los para enfrentar os problemas do trabalho sindical. (1)

Não conseguimos os nossos objectivos instantaneamente; gastámos tempo e paciência, e por vezes fomos contrariados, mas vencemos e bem se venceu o movimento sindical, do qual um grau bastante grande de simpatia e confiança se reflectiu no Partido Comunista de que eramos e somos fiéis representantes.

111

(1) - Processo idêntico teríamos seguido para execução do VII congresso se outros processos se não tivessem oposto.

"O fim de assegurar a todos os cidadãos a liberdade de consciência, a separação da Igreja e do Estado, a escola é separada da Igreja. É reconhecida a liberdade de cultos religiosos e a liberdade de propaganda anti-religiosa para todos os cidadãos?..

(Artigo 194 da Constituição soviética)

A Vitória dos



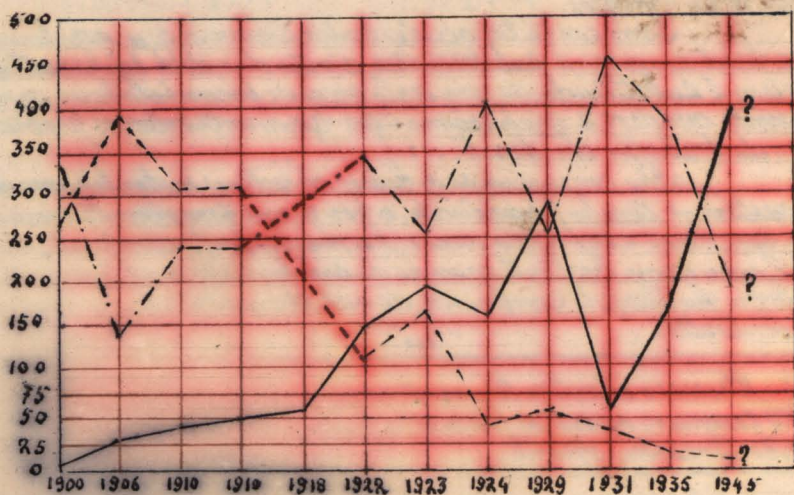
Trabalhistas

Não podemos deixar de arquivar na nossa revista algumas palavras acerca da retumbante vitória do trabalhismo inglês nas eleições há pouco realizadas.

Se as condições em que é feito o "Reduto Teórico" e o atraso de notícias nos não permitiu, em altura mais oportuna, dizer algo acerca deste acontecimento, que foi o maior do mês de julho e talvez o mais importante dos últimos dois meses.

Em tempos, no início deste ano, tivemos oportunidade de publicar um estudo resumido, mas, para as nossas possibilidades, o mais completo possível, acerca do trabalhismo inglês, da sua evolução e de algumas das suas ideias. Por esse motivo, cremos não estar muito em atraso quanto ao valor que essa vitória representa para o povo britânico e, no geral, para a sua política internacional.

Uma coisa, porém, temos que acrescentar, antes de tudo, no presente momento, que é a relação existente entre esta vitória e a evolução do potencial de influência dos vários partidos nestes últimos 35 anos! Se montarmos um gráfico dessa evolução no decurso deste século, em que se realizaram as eleições, verificaremos o seguinte movimento de cada uma das linhas que representam os partidos conservador, liberal e trabalhista:



Trabalhistas
Liberais
Conservadores
Col. Lib. Conservador

Este gráfico demonstra eloquentemente a progressão da influência do trabalhismo inglês e a estagnação do liberalismo. E, especialmente, a grande desastrosa vitória de 1931, em que os trabalhistas perderam quatro quintos

dos seus deputados quando haviam perdido somente um quarto dos seus eleitores, mercê do sistema eleitoral britânico, a linha dos trabalhistas é sempre ascendente.

Se relacionarmos com esta linha a dos liberais, com a sua desida constante, verificamos que, especialmente a partir da guerra de 1914-18, se tem caminhado na Inglaterra para um extremamento de campos ^{por que} na arena política inglesa, o partido conservador, embora com bastantes acidentes, conserva a sua influência, não atingindo com este desaire os 134 deputados que alcançaram em 1906.

○ Partido Liberal, o velho partido dos Whigs que tantas vezes alternou no poder com os conservadores e de onde saíram os primeiros deputados dos operários para a Câmara dos Comuns, cedendo pouco a pouco o seu lugar, a partir de 1906, e ultra-passado pelos trabalhistas em 1922, dispõe somente cobri-la as suas antigas posições, a hesar da sua influência de hoje e dos valores mentais que ainda possui. Eles abandonaram progressivamente o campo ao grande duelo trabalhista-conservador, de que o partido de Arte levou, data vez a melhor com a sua surpreendente vitória.

O limitado espaço de que dispomos não nos permite alongar de mais de acôrda das perspectivas que se apresentam, não somente na política interna como na externa, com a subida dos trabalhistas ao poder, com as mãos completamente livres de compromissos para agir. Porém, não deixaremos de afirmar a discordância com qualquer das suas tendências externas que se desenharam no nosso pequeno meio e que consideramos: uma, o Partido Trabalhista demasiado comprometido com a burguesia inglesa para se esperar uma mudança sensível na política externa e interna inglesa; outra, que os trabalhistas darão um salto à península e com uma rápida intervenção expulsarão Franco e Salazar.

O erro de qualquer dessas duas tendências é notório. O Partido Trabalhista não pode, de forma alguma, ser assemelhado ao Partido Conservador porque as suas concepções económicas e políticas, se não são opostas, são, contudo, bem dissemelhantes. Por consequência, a escolha do eleitorado inglês abriu o caminho para uma série de reformas, mais ou menos profundas, na tradicional vida inglesa. Pelo outro lado, porém, o Partido Trabalhista não é um Partido revolucionário, do qual se possa esperar uma política que saia fora dos limites da tradicional política dos partidos socialistas mais reformistas.

Por isso, nestas condições, sem se cair nos extremos e esperar-se, por um lado, a continuação do statu-quo conservador, ou, por outro, a revolução proletária, nós esperamos de movimento trabalhista inglês, em resúmdas palavras, uma série de reformas internas que lhe abriam ao seu programa económico, e externas no abrir dos nós de tensão que a política de Churchill tem procurado estancar a vontade popular dos povos que estão colocados dentro da área de influência inglesa.

Opportunamente voltaremos ao assunto.



fois e
como **lários**
do **mês**

Diplomados ou calceteiros ?..



"Quantos maus diplomados, até de cursos superiores, não seriam melhores calceteiros e em quantos calceteiros não terá existido em cónita uma chama inferior capaz de os transformar em brilhantes e fecundas intelectuais ?..."

Estas palavras, dadas acidentalmente num artigo de Mendes Correia, no "Normal do Comercio", fazem-nos lembrar algumas lutas intelectuais em mediocre aprender, de viola.

De certo que os nossos leitores admiraram já de quem se trata, e se, em lugar de calceteiro, Mendes Correia tivesse escrito sapateiro, a cara feia ainda melhor lhe serviria...

Mas não se trata agora dos méritos ^{profissionais} do ilustre "sapateiro" que mais valia dedicar-se a "finta-mônos" que a tratar de dentes. Sim, porque "sapateiros" e "botta-botas" há-os em todas as profissões.

A maior parte, a totalidade mesmo, desses "chumecos" e "botta-falhetas" não pode ser culpada da sua falta de proficiência técnica. Essa deficiência tem origem em defeitos físicos ou mentais e, por consequência, não é crime ser-se mau profissional - a não ser que, com essa deficiência, corra perigo a vida alheia.

Mas nós afimos mais longe. Dividimos ainda os "sapateiros" em duas categorias - os honestos e os desonestos. Os primeiros são os que reconhecem que, por mais esforços que façam, não conseguem ser mais perfeitos, por falta de jeito ou de inteligência, e que, por consequência, só aceitam ser o que são, e as suas aptidões mentais e físicas melhor se adaptam.

Os segundos contam-se os que estão convencidos, a força de inúmeros exemplos, da sua inórcia e incapacidade - mas que pretendem encobrir as suas fraquezas com uma serie ininterrupta de qualificações que se atribuem, obrigando-se, quasi no mesmo momento a dizer "sim" e "não" a mesma coisa. E ainda menos honestos são quando esse mau gosto e "burrice" põem em perigo do seu semelhante, por exemplo a saúde pública, transformando-se em crime, e que é pior...

Estas considerações foram esgravidas a cerca das titiminas. Não se trata, claro, daquelas meninas gontis que, em presença de um minuscule ratinho, gritam ui! e dão saltinhos nervosos. Nada disso.



Trata-se daqueles elementos, que não conseguimos ver mas dos quais se conhecem o efeito, a partir da altura em que os não ingerimos nos alimentos que comemos.

Ora, são essas famosas vitaminas que têm forçado o nosso celebre "bate-sola" a dar autênticos saltos mortais, passando da falta à abundância delas, para, depois, passar novamente da abundância, não só para uma falta, mas para uma carência absoluta das tais ribonucleotídeos. É com que se dá com as vitaminas - caso que noutro lugar é formosamente explicado - dá-se com o quimino e a atebriina, que continuam a ser motivo dos mais arriscados e ousados... "pichotes" mortais.

Depois de tudo o que já conhecemos acerca da história destes dois anti-faláticos, a pareceram há dias mais dois casos para confirmar tudo quanto temos dito.

O primeiro é o de F. J. da C., que teve, num período de 14 dias, seis dias com febre, dos quais um com 38,2. A atebriina, neste caso, foi considerada pelo curioso "doutor" como indispensável, por que só ela poderia debelar uma "tao elevada" (!) e tão persistente febre - por mais "está" e mais "aquela" razão...

Pouco depois, foi atabado por mais uma recidiva febril o irmão do preclaro "doutor", e eis que ovirraps este declarar, ao mesmo tempo que lhe entregava meia dúzia de comprimidos de quimino: - "Toma este quimino (porque a atebriina tem falhado miseravelmente). E, a seguir, de quem se mais "está" e mais "aquela" razão, uma série de palavras de que desconfiamos e duvidamos mesmo a existência...

Que se deve chamar a isto?

Por mais suaves que sejam as nossas línguas, por mais complacentes que tolerantes que sejamos só temos um termo, e esse não o dizemos, porque está na mente de todos vós.

A sua inépcia é tão visível, tão flagrante, a sua trompolice, que até alguns membros categorizados da C.C.F. já lhe viram... a careca, e só não reagem - cremos - por conveniência política e da o vão tolerando...

Quando será que uma semue chama de vergonha, de pudor, e trio profissional, iluminará o cérebro deste "doutor" que, como aqui les a que se refere Mendes Correia, em vez de um "conido" inútil, melhor teria feito dedicando-se a calceteiro?

em III em

Ui, que escuridão!!

O bispo de Westminster aderiu também à "máquina de alarme anti-comunista". Na sua última mensagem diz ele:

"Sentimo-nos perturbados (citado!) pela escuridão que caiu na Alemanha Ocidental, para não mencionar a escuridão, mais grave ainda, que envolve a Polónia, os Países Baixos e os países bálticos?..."

Ui! Abrenúncia!... Sua escuridão, escuridão dos deuses!

É não haverá por aí uma escuridão caridosa que este "luminar" da igreja anglicana uma pingueta de luz.

uma pinguincha! - para a sua cadeia poder romper as trovas do oriente, europeu?!

"Egdinho" dele, até dá pena estar tão às escuras!...

É há um processo de fazer luz que até se vêem as estrelas ao meu dia. Talvez que isso dê resplando para lhe abrir os olhos...



No comando ocidental: Maneiras de proceder.

Foram estabelecidas formalidades para oficiais e soldados ingleses que confraternisem com a população civil alemã, que vão de 3 a 4 libras até à prisão em colónia penal. Entre os casos que implicam essas formalidades há os de presentear crianças ou transportá-las em carros ingleses; visitar alemães, beber ou jogar desportos com eles; comunicar com alemães, excepto em serviços oficiais, etc...

No comando soviético:

Em Berlim, Berntarini permite competições desportivas entre os soldados soviéticos e alemães.

Qualquer soldado alemão auxilia um velho ou uma criança a passar pelas ruínas da cidade.

Zukov, de quem Eisenhower admira o valor e capacidades militares, declara que não vê perigo na confraternização entre os soldados das suas forças e a população civil alemã.

No comando ocidental:

Foram dissolvidas em várias cidades que nos anti-fascistas que já existiam antes da chegada das forças "libertadoras" e que haviam tomado parte activa na libertação das suas cidades, que impediam as demolições que os nazis pretendiam fazer quando retirassem e que prendiam os chefes nazis naquelas cidades, em virtude da proibição das actividades políticas aos alemães.

No comando soviético:

No nome do comando do marechal Zukov a população foi avisada pela P.S.F. que era autorizada a constituição de partidos anti-fascistas e sindicatos. Essa ordem permitiu a actividade de todos os partidos políticos que procuram estabelecer um regime democrático na Alemanha. Como não poderia deixar de ser, toda essa acção será dirigida devidamente pelos comandos de Zukov.

No comando anglo-americano:

Os criminosos de guerra, com Goering, são transportados em carroçagens primitivas. Um japonês vive em França, "preso" numa residência sob a vigilância de soldados ingleses e outros estão instalados



Não podemos resistir à tentação de transcrever na íntegra este comentário do "Jornal do Comércio", assinado por A. M.:

"Bor-Komelouski, o general fantasma, o homem exótico dinário que comandou as forças da resistência polaca durante parte do tempo da ocupação alemã e dirigiu a gloriosa e trágica insurreição de Varsóvia; acaba de tomar posse do lugar para que fora nomeado, de comandante-chefe de todas as forças polacas."

"Para os veres, no nosso tempo, o heroísmo terá chegado tão alto. Falando de Varsóvia e do general Bor, temos a impressão de nos estarmos a referir a um lance e a uma personalidade de excepção, tanto Varsóvia e Bor excedem o que é de fácil entendimento para a gente do nosso tempo."

"Os sessenta dias da revolta de Varsóvia são um dos maiores mistérios da guerra que há dias terminou: (o) sublimado é mesmo."

"Como foi possível levantar para a luta um povo que há 5 anos sofria um catequeiro duríssimo, submetido ao mais violento regime de repressão policial, à mais brutal tirania, condenado à fome, ao frio e ao desespero? Como pôde resistir, durante dois meses, a combater, em bairros incendiados, sem recursos, sem abastecimentos e quasi sem armas, contra um exército regular, provido dos meios formidáveis de que dispunha o exército alemão?"

"E' o nome de Bor - o herói máximo (!) da resistência polaca - que responde a estas perguntas?..."

Parece-nos, por estes e outros comentários do mesmo autor, que por detrás destas iniciais se oculta o sr. Ayala Monteiro, tão novo conhecido. Será? É possível.

Entretanto, devemos dizer ao ilustre comentarista - que parece ser a Polónia atravessada no gorgomilo - que esse grande mistério deve ser desvendado pela história dos acontecimentos.

Quanto às perguntas formuladas: não é o nome do general Bor, "o herói máximo da resistência polaca", que lhes responde, mas a - quêles polacos que ele arrastou para o mesmo desastre.

Se pudéssemos, dá-amos a palavra ao governo nacional polaco - que, a esse respeito, muito deve saber....

em hotéis, em Londres...

No comando soviético:

"Cada criminoso de guerra morrerá pela mesma forma como assassinou presos inocentes e reféns..."

É tal a conduta dos aliados ocidentais que os russos preferem tratar sózinhos dos crimes que, contra eles, foram cometidos. É esta a atitude a essa conduta que no "levantar da fúria mundial" todos os criminosos se queriam entregar aos anglo-americanos...

Is'to dispensaria comentários, mas nós não resistimos em fazê-los e em citar um dos que a "máquina de alarme anti-comunista" acaba de dar à luz.

Diz ele, tratar-se de uma política especial dos soviets, feitos em lidar com multidões, tentando a ganhar capciosamente a população alemã à execução dos seus designios?...

Staline, disse: "Os hitlers passam, o povo alemão fica". Há tempos, declarava ele, mais ou menos: "O povo alemão não é responsável pelo nacional-socialismo. Nós temos de derrotar o marxismo e apertar o freio alemão a qualquer se donde o marxismo o lançou?..."

(Isto basta para quem seja honesto.)

Assobia-lhe as botas!...



O representante lituano no Conselho Americano - de que fazem parte americanos oriundos dos países bálticos - declarou que foi entregue na Secretaria da Conferência de S. Francisco um "memorandum" em que se reclama a independência dos Estados Bálticos e a presença dos seus representantes na referida Conferência.

É curiosa tal pretensão! Os parlamentares representantes da vontade popular desses três países resolveram, em fins de 1939, primeira vez de 1760, unirem-se, como repúblicas autônomas, à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Agora aparece nos um "representante", que se diz lituano, a reclamar a independência desses países e delegados à Conferência... A questão não se compreende muito bem, a não ser que tal "representante" ande à procura de trabalho e lhe cogitasse o lugar de delegado em S. Francisco.

Chamamos preferível, se assim é, que se inscrições no Comissariado do Desemprego Americano... Talvez fosse melhor!

Justo prêmio!..

Algumas combonhlias vinícolas do Porto contêm entre o seu pessoal 38 trabalhadores que serviram durante 50 anos o mesmo patrão.

Isto significa que, na hipótese de terem sido admitidos aos 10 anos - idade ainda impropria! - esses trabalhadores contêm hoje 60 anos de idade. É de facto extraordinário, não que tenham 50 anos de trabalho - há milhares nestas circunstâncias! - mas tenham tolerado durante meio século o mesmo patrão.

Se não fôr outros motivos, como o de necessitarem, na sua idade avançada, de uma pensão ou reforma, si aquêlles bastaria para grande galardão.

Mas, depois de tanto sacrifício, de vez de gastar uma vida inteira ao serviço das combonhlias, a tiro de "Chapa ganha, chapa gasta", esses homens têm em conta a sua recompensa. O Sub-secretário das Colónias deslocou-se ao Porto para dar a cada um deles um pedaço de latão em moldado, sob a forma de uma bonita medalha de "Cavaleiro da Ordem do Mérito Industrial" (tudo escrito em minúsculas) como prêmio da sua "abnegação?..."

É diga-se, depois de tudo isto, que não há generosidade d... justiça!



Curiosidade oportuna.

- Transcrevo mais algumas: -

"... Foi em 1216 que a Inquisição começou a exercer a sua tenebrosa acção no Sul da França, aparecendo, mais tarde, com o nome de Santo Offício, na nossa península. Milhares de criaturas, vítimas inocentes do odio tigrino dos milhafres clericais, foram impiedosamente arrastadas para as fogueiras. Não ao primeiro quartel do século XIX, firmáis deixou de estar acêso o terrível braseiro, onde crepitava a carne humana que a Igreja, em nome de Cristo, atirava sem dó e sem piedade para os cárceres e debaixo para a fogueira!.."

"Foi efectivamente neste anno maldito, que Horácio III conferiu plenos poderes a Frei Domingos de Gusmão para organizar a "Ordem dos Pregadores", em Tolosa, com o fim de asfuzilar a consciencia humana. E assim nasceu a Santa Inquisição de excelsa e el memoria!. O que se passou com esse bom povo do Sul da França é necessario revestir-me de coragem para vo-lo poder descrever. Sem se me ricassem os cabelos, que estão agora a principiar a branquear... Sem exercito de fanáticos, de Cruz Vermelha no peito, comandados por Simão de Montfort, o núncio do papa, Amauri, e innumeros padres gritando de solidades ca: "Katai! Katai os herejes!" - após a espolada das muralhas da cidade de Chassanèuil, degolou cerca de sete mil pessoas, não escapando das fôrças e das fogueiras os velhos, as mulheres e as criancas indefesas. Foi igualmente a vítima dos excessos d'esses exaltados católicos a cidade de Bèsiers, tomada de assalto. Milhares de pessoas foram degoladas ao som dos sinos, sendo 7.000 queimadas na própria igreja onde se haviam refugiado. Nem o hospital dos pobres escapou!.. A violação e a chacina, a frar da filha-gem e do incêndio!.. Turba ignara, insatisfeita com tanto sangue derramado e coma partilha dos roubos, embriagados pelos divas à Santa Religião e mórmas aos herejes, soldados pelos padres, precipitou-se no caminho de novos massacres. Na cidade de Lavour e perto de Cervernes a ordem da sanguinaria de Simão de Montfort e Amauri lançou ao fogo 540 Persecutadas. Estê quadro de morte e de inconcebíveis e fantásticas agonias estendeu-se por todo o Sul da França. Na Flandres, um tal Frel Roberto (o bulgaro) mandou acender fogueiras em tôdas as provincias, fazendo queimar bem em só dia centenas de pessoas. Quando não podia encontrar culpados queima va innocentes. Pertencia este famigerado bandido à Ordem de S. Domingos!..

"Não era somente a caça aos herejes, era-o também ao seu doblado no!... Roma foi sempre assim!.."

É esta Seita, encharcada no sangue de milhares de vítimas, que nada tem contra as "selvagerias" do fascismo e, muito especialmente, contra o justo castigo dos que lançam o mundo num formidavel braseiro - atendo a asafurado pelas hordas reaccionárias que a defendem e sustentam, como instrumento de asfuzila da consciencia humana, para manter o predomínio de uma casta (a unica a quem a sua existencia importa): a gromda burguesia capitalista.

Camaradoi:



O valor de uma biblioteca não está na quantidade, mas sim na qualidade das obras de que ela se compõe.

É este o princípio que nos deve orientar. E como é ele não pode estar dependente de um colaborador apenas - porque a nossa pequena biblioteca é coletiva - a tua colaboração é indispensável, o conhecimento do teu desejo, o grau do teu espírito seleccionador, enfim, a tua grande ou pequena contribuição tem de ser posta à prova! De maneira que, aquêles a quem confia o encargo da compra de livros, pedem-se que respondas:

Que livro preferes para a nossa biblioteca, que, satisfazendo a tua curiosidade e o interesse espiritual, seja útil, também, a todos nós?

= Notas e comentários do mês =

Os paraquedistas...

Para que não lhes chamemos parasitas, os nossos "cinquentas" resolvem, uma vez por outra, dar uns ares de manobras aos seus amarelos da farda. O ano passado foram passar umas noites ao luar, no Belo Horizonte, junto ao Castelo de Amoural, forçando pelas suas lendas de amor e recordações de Belas moças a chamar-se então a si próprios "testa de ponte", si porque nessa altura se falava muito nelas. Era moda!...

Nas a partir de então as "testas de ponte" tornaram-se tão vulgares que qualquer "tente" ou "ca" uma "testa de ponte" a... uma dozeira, quando, na sua timida e simples linguagem, lhe fez de memória...

Agora, a Legião Portuguesa - força essencialmente política e repressiva - resolveu "meter-se em despesas" para virar a braca da farda. Para isso, tomaria um pouco de ar... "memorar"... Mas como? Comear uma "testa de ponte"? Lual! Isso já está gasto e fim de linha. Agora há coisa melhor e inédita (para nós, é claro!). Os paraquedistas, com vibrantes e heróicos aríetes de transfronteiras, além do resto, E resolve-se "manobrar" com paraquedistas...

Chega o dia das manobras. Estas vão realizar-se em Belas, nos arredores de Lisboa... E como ainda se não haviam visto paraquedistas "vivinhos da costa" - e porque estes também vêm da costa, para apoiar as forças "uniónigas" que desembarcaram à hora H - o Né Saphar e fragante resolveu perder um pouco de tempo e ir ver esses arrojados legionários a lançarem-se no espaço, pendurados em inúmeros malmboques até se dá...

Espera-se em vão. Nem aríetes nem paraquedistas aparecem no horizonte e as manobras ficam sem dar em por de tempo...

Quando o estalejar constante das metrashedoras - pum cá, pum lá - e, ao cair da tarde, o sombrio e suado "Estado Maior" declara... vencidos os ares dos paraquedistas...

Mas, pergunta-se agora: De onde diabo terão caído os paraquedistas, se ninguém os viu cair nem ouvir, sequer, o roncar dos célebres transportes de onde deviam ser lançados?!... É que estes paraquedistas só são de nome, porque são transportados em "camions" e "lançados", da altura de um metro e pouco, na berma da estrada!...

São paraquedistas "made in Portugal"!

Depois de uma "testa de ponte" num "Quimich" e "solitário" castelo, o lançamento de os paraquedistas, tem vindo a bordo de... "camions"!... Que, que já é vontade de imitar!...

É, para ir, não é... da terra... e a virar em cubatas!...

Das Forças Armadas



O exército português é um cancro que corrói o corpo da nação. É uma ^{mas} coisa feita que circula há anos em Portugal e define o pensamento de uma grande corrente da opinião pública.

Somos dos que a perfilhamos. Muito embora discordemos daquêles que consideram a extirpação desse cancro operação fácil, tanto bastando para isso um simples decreto ou Lei. Longe estamos de pensar assim. Para nós, antes de tudo, será necessário criar um clima propício, uma força política capaz de se opôr à força de que dispõem os altos quibachos do exército, cuja influência sempre tem pesado grandemente nas esferas políticas dominantes. É sabido que êles estão entrelaçados em todas as actividades da nação. Qualquer general, ao mesmo tempo que detém nas suas mãos o commando de milhares de homens armados e obedientes, senta-se nos conselhos de administração de magestáticas companhias; ora a parece como grande proprietário, ora como juiz, professor, deputado ou ministro. Os quadros superiores do exército — e não só estes — em todas as camadas representam e defendem os seus interesses particulares, formando, no seu conjunto, uma vasta e poderosa oligarquia. De maneira que se torna evidente a dificuldade de se lhes arrancar das mãos as posições conquistadas somente à força de lógicos argumentos.

Não julgamos insuperável essa força. Claro está: no frívolo exército e dentre as classes burguezas mais ridicularizadas, há ha mens de valor indiscutível que levantam a voz a proclamar a necessidade de libertar a nação dos tremendos encargos que o exército lhe traz; são valiosos aliados com os quais seremos de contar para dar um novo rumo, para nos auxiliar na solução do que vulgarmente se chama o problema militar. Ele tem de ser considerado e atacado, digamos, nestes três aspectos: militar, económico e político.

Ora, no primeiro aspecto, entra logo em linha de conta esta verdade simples e comegonha: Portugal não tem ambições territoriais. As suas fronteiras formaram-se nos primeiros séculos da sua história como nação independente e, ao longe delas, não existem quaisquer atritos com a vizinha Espanha. Nenhumas razões de ordem estratégica económica ou politica vimos suscitadas ou latentes. Há mais de um século que a paz na península se mantém e não vemos que agora, depois desta guerra e quando em S. Paulo se reafirmam as perspectivas para a segurança colectiva dos povos, surjam possíveis claudes de conflitos entre Portugal e Espanha. Tanto off parte de Portugal, que justificaria a existência de exército, seramos certamente a olhar para o nosso império colonial, a saber: os diversos problemas

sinceramente a nós próprios se a posse dos domínios que se estab-
 lehem pelo Atlântico e Pacifico, depois de submetidas as populações
 indígenas, depende da força militar ou se ela não se baseia sobre
 tudo em factores históricos e juridicos, da força, digamos, estabelecida
 pelas leis e tratados internacionais. Seria uma perigosa ilusão con-
 vincer-mo-nos do nosso potencial militar para a defesa da fronteira
 portuguesa em tão vastos e longínquos territórios. Se as grandes na-
 ções chegassem um dia a acedde sobre a divisão do nosso império -
 e mais de uma vez na história temos estado perante essa amea-
 ça - para nada nos valeria o nosso exercito. A existência das
 nossas colónias é o produto de um fôgo ou equilibrio de interês-
 ses nascido das proprias contradicções imperialistas. Timor é
 um exemplo recente e bom grizante do valor das armas portu-
 guezas e dos direitos de soberania. A conquista da impotência
 pode indignar os "patriotas rozeiros", mas nem furioso ela deixa
 de ser verdadeira. Não é qualquer sentimento de odio contra a
 "heranca legada pelos nossos avós" que nos leva a essas conclu-
 sões, mas sim aquilo que os factos nos põe ante os olhos. De resto,
 ainda há poucos anos, quando da reorganização do exercito, fomos
 afirmacões de técnicos militares, muito competentes e nada revolu-
 cionários, que, talvez sem quererem, chegaram por outros cami-
 nhos ás mesmas fundamentais conclusões por nós defendidas.

Tratava-se então de saber qual seria maior importância
 para a nossa defesa, se as forças de terra ou de mar. Advogaram
 uns que, dada a grande extensão de fronteira aberta, os esboços os qui-
 lómetros que dela vão ao mar, tornando-se difícil a defesa dos cen-
 tros industriais e de comunicações e quasi impossivel uma linha de
 cobertura do Alentejo ao Algarve; em resumo: dada a situação geogr-
 fica, economica e demografica, deveriamos abandonar a ideia de
 manter um exercito cabissimo e previamente condenado a não poder
 cumprir a missão para que fora criado; destruida tecnicamente es-
 sa possibilidade, optavam pela organização de uma marinha de
 guerra potente, capaz de garantir a liberdade de comércio e man-
 ter a defesa do patrimonio ultramarino. Outros defendiam um
 ponto de vista exactamente oposto: um exercito forte, apto a defen-
 der a integridade da nação. Embora não explicita, a ideia motrix
 era o, rejeito de uma Espanha revolucionária. Quanto á marinha
 de guerra, reduzia-na ao indispensavel para actos solenes de repre-
 sentação da soberania colonial, porquanto a defesa do império deve
 constituir matéria de acordos com a nossa velha aliada... porque
 ela tambem lá tem interesses. Defendendo-nos, defende-se a si
 própria.

Ora, se os técnicos militares, alicerçados nos seus conheci-
 mentos, concluem, uns pela ineficácia do exercito, outros pela da
 marinha, e todos eles apresentando argumentos, se não encontro-
 vances pelo menos de grande valor, não temos divididas, em presenca
 disto, que devemos procurar um novo rumo; firvoitando para tal
 os elementos fornecidos nas curiosas conclusões dessa polémica publica-
 da pelo governo em seu chamando a si a direcção do ministerio.

da guerra.



Façamos agora o aspecto económico, ou melhor, ilustremos com alguns números este lado do problema, visto ser já conhecido por todos.

No orçamento geral do Estado a maior parcela é absorvida pelas forças armadas. Com a rubrica de "defesa e segurança", em 1942, gastaram 1:200.000 contos; em 43, 1:750.000; em 1944, montante superior a um milhão de contos, e em 1945, mais de 900.000 contos. Num quadriénio, a "defesa e segurança" de um país que não esteve em guerra, que defendeu uma política de "neutralidade" e vive na mais angustiosa situação económica, delapidou aproximadamente 5 milhões de contos. Poderá dizer-se, depois desta verdadeira sangria à riqueza nacional, que o exército está apto, na realidade (com o necessário potencial, para fazer face às exigências de uma hipotética guerra? Sem dúvida que não está!

No orçamento do corrente ano, calculam-se 2:408,8 milhões de contos, ou seja 2.408.000.800\$00, de receita. Dos mesmos, 40% vão para as forças armadas. Se considerarmos, por exemplo, a população de Portugal continental de 7 milhões, numa simples capitação encontramos nos uma média de 142,500 de tributo para o exército, ao passo que para a educação nacional esse tributo desce para 38,500 e mais ainda para a higiene social que anda por 7,294. Estes números, não sendo, rigorosos, dão-nos contudo, pela sua desproporção, uma ideia com grande clareza da política reaccionária do Estado Novo. E lembrarmos-nos que os grandes problemas nacionais: de electrificação, irrigação, obras fortes, indústria, educação, assistência, etc. encontram-se a maior óbice nas possibilidades financeiras! O governo não pode arcar com determinados encargos - alega-se. E não pode, justamente, porque existe o campo do exército que absorve imutilmente uma grande parte da riqueza nacional! E a não solução destes problemas económicos reflecte-se no nosso "glorioso exército". O melhor expoente do espírito e vigor dos homens das nossas vilas e aldeias, mostra-nos os seguintes números: Dos 64.376 mancebos impecionados pelas juntas de recrutamento, 38.363, isto é, 59%, foram julgados fisicamente incapazes, e daqueles, 26.121 (41%) foram analfabetos! (Memórias da minha vida - Norton de Matos). Se a percentagem dos incapazes é aterrorizante, a dos analfabetos faz-nos pensar no valor dos soldados, dado que a guerra moderna, e no perfeccionamento técnico das armas, exige de cada soldado um grau cada vez maior de conhecimentos e de robustez. Esta situação mostra-se-nos perfeitamente clara quando lançamos um olhar para o país vizinho. Este tem 28 milhões de almas, aproximadamente, não andámos por um cerco, pouco mais, os recursos económicos ferrem, de um para outro, grandemente, e nem nunca se viu uma infantil concórdia de que um português valha por dois espanhóis, e não esconder a nossa inferioridade. Por qualquer aspecto que analisarmos o problema das nossas relações com o país fronteiriço, um ano

parece sustentável e seguro: a de uma amizade, uma política pacífica, um intercâmbio comercial e cultural, abandonando a política de "contas viradas", seguida tradicionalmente, não por vontade dos povos mas por combições das casas reais. É evidente que tais princípios só podem ser um firme valor e uma existência real quando firmados por governos democráticos, defendidos por órgãos que exprimam a vontade do povo e não na base de governos que não representam a vontade da nação. O Bloco peninsular factual, de maneira alguma pode satisfazer aos dois povos, porque ele tem fundamentalmente por objectivo a luta contra todas as aspirações populares, contra os mais elementares princípios da liberdade. Nascido pela ocasião da guerra civil espanhola, ele mostra a solidariedade do reacçãoarismo ibérico e a sua aliança moral com o fascismo então em vigor no mundo.

Não se diga que uma política de paz, com a supressão do exército, é uma utopia, pois outras pequenas nações da Europa, fisicamente mais robustas, economicamente mais férteis, enquadradas entre nações poderosas, vivem sem exércitos, entre ^{as} do pacífico labor do seu desenvolvimento, o que lhes tem permitido elevar o grau de cultura e o nível de vida a tal ponto que, para nós, igualá-lo, é ainda uma longínqua esperança.

Quanto ao aspecto político, e para focar apenas o que ele tem de mais visível, basta recordar que o exército português é um foco de reacção, é o colete de forças do povo português. Não temos sem presentes ainda a sua obra contra a República a partir das incursões e revoltas monárquicas, tomou o golpe de Timentão de Castro, do Edenio, o "18 de Abril" e o "28 de Maio". É um corolário de ataques, de assaltos ao poder, sempre que o povo ergue a sua voz, sempre que tenta libertar-se da opressão a que o submett. os grandes senhores, donos quasi absolutos de Portugal. O exército português, que no ponto de vista militar é inútil, que é uma organização condenada à ociosidade, ao "desemprego", converteu-se numa força política para esmagar quem propriamente o sustenta, constrangido. As armas que deviam estar ao serviço da nação, voltam-se contra ela e submetem-na. Há 20 anos, quasi, que Portugal suporta uma feroz ditadura, apoiada nas estiradas dos senhores "estrelados".

Mas, a actual situação política do mundo não é de molde a garantir ou favorecer esse regime, gêmeo do fascismo que acaba de ser violentamente liquidado pelas armas da Nações Unidas. Em Portugal as forças progressistas apressam-se para a luta, que acabará, decerto, por sair victoriosa, implantando um regime democrático. Ante estas perspectivas, o "problema militar" exige uma solução e para ela devemos juntar os nossos esforços aos dos que nela pensam também. Seria uma ingenuidade querer traçar prematuramente planos. No entanto, algumas ideias gerais, para discussão, podem ser propostas; e uma campanha pública de nos familiarisarmos com estes assuntos, na verdade, um tanto difíceis para os leigos na matéria. Há opiniões que nos julhamos; que não sejam filhas do nosso lar, não intransigentemente; o valor está em que sejam

Mais Uma...

Falta de pudor



A flagrante falta de pudor continua a evidenciar-se na óbvia e conspícua pessoa do "Maniel da Viola", em desabono patente do seu "canudo".

No princípio de Julho de 1945 tivemos ainda uma vez ensejo de verificar e não queremos deixar de arquivar o facto nas páginas do nosso Reduto.

Quando o nosso amigo Sr. Ferreira da Costa, esteve preso dentro do Campo, em face da qualidade da alimentação que nos é fornecida pela Colónia Penal e que visivelmente se nota deficiência em vitaminas, dispôs-se a avaliar a quantidade de vitamina C que faltaria nos organismos dos presos, pesquisando-a na urina de um certo número de camaradas, por suspeitar de casos de hipovitaminoses.

O resultado foi surpreendente. Raríssimos foram então, os que apresentaram na urina a eliminação normal de vitamina C, comprovativa de que o organismo possui a dose que é necessária daquela vitamina para um bom equilíbrio da saúde.

Muitos foram, porém, os que apresentaram fracas hipovitaminoses, algumas das quais verdadeiramente assustadoras.

Isto é, ler aquele nosso devotado amigo, recomendando que procurássemos todos em geral, comer o mais possível de frutos, hortaliças, tomates, saladas, cebolas e até simples salsa, a falta de melhor.

Seguidamente mandou vir, em fôlas de vitamina C, que foram de fôlas aplicadas por Virgílio de Sousa aos que mais deficit de vitaminas tinham a presentado então.

Mais recentemente e a pedido de Virgílio, enviou aqui de nosso amigo nova remessa de empôlas de vitamina C e a tóbo de "Dichlorophenol-indophenol" febra pesquisa daquela vitamina na urina.

Mais empôlas de vitamina C foram também recebidas por alguns camaradas que delas fizeram entrega ao nosso Coleto de Medicamentos.

No início de Julho efectuou Virgílio a pesquisa de vitamina C nas urinas de 54 camaradas, para verificar quem

justas e se adaptam ao ambiente, portanto, nascido com a queda do salazarismo.

Em nossa opinião, e como ponto de partida para uma reflexão e luciação, consideramos essenciais a atestação destes três pontos: Democracia das forças armadas tornando-as compatíveis com as nossas reais condições e financeiros e de harmonia com uma política anti-militarista; encerramento de todas as escolas de preparação de oficiais, por um período de anos indetermi-

velmente de tempo os quadros que a Academia das forças armadas mantém. No próximo número falaremos desonhavelmente destes pontos.

os que apresentavam maior deficit daquela vitamina, na de-
liberacão justa e sensata de aplicar um certo numero de em-
hólas da mesma vitamina aos portadores de maiores hipovita-
mimoses, na impossibilidade de as aplicar a todos em geral, e
ainda, de entre aquêles, quantidades maiores a uns e menores a
outros, consoante o quantitativo desse deficit, porque nunca foi
norma do nosso Colectivo de Medicamentos fazer de uns filhos e
de outros enteados.

Os medicamentos são sempre applicados a quem deles neces-
sita, sem preocupacões de tendências, sem preocupacões de simpa-
tias pessoais ou afinidades ideológicas ou politicas.

E assim se fez.

Um dos que maior deficit de vitamina c. apresentaram
foi o camarada Abilio Gonçalves.

Ora sucedeu que após a verificacão desse deficit esse
camarada, em conversa casual à mesa do refeitório, contou ao con-
piciou Reis a conclusão a que se chegara a seu respeito, acrescen-
tando que em face da sua excessiva hipovitaminose, ia ser tra-
tado com uma série de injectões de vitamina c.

Logo o preclaro e altoíto Manuel da Viola sorriu e decla-
rou solenemente, ajustando as suas dimetas:

- "Não esteja preocupado com isso porque nem eu nem
ninguém tem falta de vitaminas. Nós estivemos também a dar
vitamina c. mas vamos parar com isso por desnecessario. Se a uri-
na traz vitamina é porque o organismo a tem demais".

Já é ser fargante!

Nós sabiamos que um certo numero de homens da O.C.P.
andavam tomando injectões de vitamina c. e sabiamos mais:
sabiamos que não houvera a preocupacão de verificar previamente
- ao contrario do que fezera Virgilio - quais, de entre todos
os homens da O.C.P. ou que gravitam si sua volta, eram os que
na realidade mais necessitariam dessa vitamina por apresen-
tarem maior deficit dela. Ela era dada a uns tantos... - os
"favoritos".

E sabemos tambem que após a afirmacão de tão conspicuo
personagem continuou ainda a ser applicada a vitamina c. a...
uns tantos "releitos".

A cena repetiu-se, pois, mais uma vez, tal como succede
na como arrenal, o calcao, etc. Nós não estavamos applicando vita-
mina c. eles applicaram-na em série a quantos entenderam. Não ia-
mos começar a applica-la, mas com a segurante para eles do escri-
fido da applicacão se fazer não a "afilhados" mas, sim, aos que de-
da mais necessitariam: não havia necessidade de tal fazer pois
ninguém tinha falta de vitamina c.

Sucedeu que o proprio Abilio Gonçalves, entrando no dia 10 de
junho no "Refeitório do Alcaide" viu o Valdear deitar num copo de agua
um rasinho que valia de um graco com uma pipeta! Levado
pelos curiosos em inquirir de que medicamento se tratava, ao que
respondeu que se tratava de vitamina c. de que ele tinha muita.

falta "por não comer hortaliças nem frutos, etc."

Admirado, dada a anterior afirmação do Mamelinho da Viola, disse - He e Abilio: - "Mas então, como se compreende isso se ainda há dias o Sr. Reis me disse que ninguém tinha falta de vitaminas, quando eu o informei que do resultado da pesquisa feita na minha urina o Virgílio verificou uma excessiva hipovitaminose?". E, prosseguindo, contou - He a conclusão a que também chegara em tempos do Dr. Ferreira da Costa e os conselhos que ele deu então.

O outro ouviu e... embaticou.

É o "povo" sabe e sorri-se, claro, porque a farça está mal montada para um meio onde se vê e sabe tudo.

Que farçante! É isto um médico!

O "povo" já não pasma, antes se limita a sentir asco por tão douto pescador que encovalha o "Canudo" que um dia He concederam, esquecendo que a sua função social é - ou antes deve ser - um sacerdócio que se deve revestir de uma inteira dedicação à humanidade.

Nós sabemos onde "a farça force orado" - como diz o povo...

Alguns elementos da C.C.P. ou dos que gravitam sob a influência dessa organização poderão pensar, face à sua alimentação, que terão falta de vitaminas - e quantos a terão realmente - e quando se vberem que no nosso Colectivo de Medicamentos houve e escreveu de averiguar qual a necessidade terin da applicação de infecções de vitamina C - por não se querer empregar a empirica - mente mas após conveniente análise da urina para estabelecer o deficit de cada um - o que não succedeu no Colectivo da C.C.P. que deu vitamina a quem muito bom quis o douto "violista" e não a quem possivelmente mais necessitaria, poderão achar que a coisa não está certa e que o "Mamelinho da Viola" devia ser tido, como médico que é, o sensato escriptulo de verificar primeiro quem necessitaria mais de ser beneficiado com as infecções de vitamina C em lugar de escolher a seu bel praxer, para o effeito, um grupo de "apanhados".

É isso era o diabo, pois a sua cotação perigaria ainda mais.

Nós sabemos bem que não havia no campo casos de avitaminose, isto é, de ausência total de vitamina no organismo. Mas sabemos também, quer for simples conclusão tirada face à alimentação que nos é fornecida, que enferma, durante a maior parte do anno, de ausência de legumes frescos, frutos, tomates, etc., pelas pesquisas feitas em fongos pelo nosso amigo Dr. Ferreira da Costa e agora pelo Virgílio, que há, sem, hipovitaminose, mais acentuadas qmas de que outras.

Concretamente, nesta ultima série de pesquisas, ninguém se apresentou que se verificasse não ter deficit de vitamina C. O maior que ele fosse.

Na impossibilidade de tratar a todos, procurou-se conscientamente melhorar o estado daquelles cuja hipovitaminose era mais acentuada.

Depois, se, com um empenho de má vontade, quise...

admitir que na realidade não são necessários os tratamentos com injeções de vitamina c, por ninguém aqui ter falta dessa vitamina no organismo, fôe-se nos logicamente esta questão: - Por que narritto, antes das pesquisas a que Virgílio procedeu, o colectivo de medicamentos do V.C.P. proporcionava esses tratamentos a alguns elementos, e continha ainda a ferê-lo a certos "favoritos" por simples indicação e a petição do conspícuo "vrolista"?

Qu há falta ou não há falta de vitamina c no organismo. Em que ficamos?

Ora... em que ficamos. Ficamos em que o pasciáo Reis continúa com a sua desonestidade, em que é fértil, como todos sabemos bem.

Mas, para excelente complemento, registamos ainda a que se passou posteriormente no "Ponto Médio".

Quando o novo médico se apresentou a dar consulta, Reis apresentou-lhe alguns casos de doença que - segundo ele próprio - era o resultado da falta de vitaminas A, B1, B2, B6, C -, dada a ausência de legumes frescos, frutas, etc., na massa alimentação.

E falou-lhe em vários casos de estomatites, gengivites, cáries, reumatismos, afecções hepáticas, etc., tudo produzido de avitaminoses. (!)

O novo médico, Dr. Ermelas, concordou com a falta patente de vitaminas na alimentação dos reclusos, e contou até o que observara também no batalhão expedicionário de que fora médico, não quando em Santo Antão, onde há grande abundância de legumes e frutas, mas em S. Vicente, onde a alimentação enferma muito da falta desses produtos.

Verificou ele ali muitos casos de avitaminose que se curavam com a aplicação de uma série de injeções de vitamina c mas que se renovavam pouco tempo depois por não ter desaparecido a causa que as determinava - a grande deficiência de vitaminas na alimentação dos soldados que estavam em S. Vicente.

E o Dr. Ermelas continuou afirmando efeitos da falta de vitaminas num ou noutro caso que a parecia na consulta, sem a prévia intervenção do douto pasciáo, tão flagrantis eram para ele esses casos.

Ponto isto, quando será que o doutor "musicista" toma os juizo?

Qu melhor, quando será que o metem na ordem?..

(Do "Jornal do Comércio" de 27 de julho de 1945)

"A população portuguesa, que o rendimento da terra não sustenta, e que em alguns só em pequena parcela pode ali viver, vive basicamente e constitui encargo estéril que se põe em grande parte sob a forma de carga móvel de vida (São centenas de milhares de pessoas que entre nós se mantêm sem contribuir nada para a produção da comunidade?..